

Nadere Reformatie Publicações

O PAPADO É O ANTICRISTO

J. A. Wylie



NADERE REFORMATIE PUBLICAÇÕES

O Papado é o Anticristo

Uma demonstração

Por

J. A. Wylie

Editor: Christopher Vicente

Tradutor: Christopher Vicente

Todas as citações bíblicas foram feitas a partir da Almeida Revista e Atualizada, salvo indicação contrária.

WYLIE, J. A. **O Papado é o Anticristo:** uma demonstração. Natal: Nadere Reformatie Publicações, 2021.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

[PREFÁCIO ORIGINAL – Rev. J. A. Wylie](#)

[PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA – Rev. Christopher Vicente](#)

[PREFÁCIO ESPECIAL – Rev. Ewerton Tokashiki](#)

[CAPÍTULO I: O TERMO ANTICRISTO](#)

[CAPÍTULO II: ANTICRISTO RETRATADO ANTES DE SEU NASCIMENTO](#)

[CAPÍTULO III: ANTICRISTO – UM INIMIGO DEBAIXO DE UMA MÁSCARA](#)

[CAPÍTULO IV: ANTICRISTO NÃO ATEU OU COMUNISTA](#)

[CAPÍTULO V: OS DOIS MISTÉRIOS DA BÍBLIA](#)

[CAPÍTULO VI: REVELAÇÃO DOS DOIS MISTÉRIOS](#)

[CAPÍTULO VII: O PASTOR SE TORNA UM MONARCA – DEZ SÉCULOS DE ESCALADA](#)

[CAPÍTULO VIII: O REI COM AS TRÊS COROAS – O VIGÁRIO](#)

[CAPÍTULO IX: O TODO-PODER DE CRISTO E DO ANTICRISTO](#)

[CAPÍTULO X: SINAIS E MARAVILHAS DE CRISTO E DO ANTICRISTO](#)

[CAPÍTULO XI: OS “SINAIS E MARAVILHAS” DO TERROR DO ANTICRISTO](#)

[CAPÍTULO XII: O ENGANO TOTAL DA INJUSTIÇA](#)

[CAPÍTULO XIII: O CULMINAR DO PARALELISMO – UMA ENTRONIZAÇÃO](#)

[CAPÍTULO XIV: USURPAÇÃO DO ANTICRISTO SOBRE OS REIS E NAÇÕES](#)

[CAPÍTULO XV: O ANTICRISTO SE EXALTA ACIMA DE DEUS](#)

[CAPÍTULO XVI: HOMEM DO PECADO E FILHO DA PERDIÇÃO](#)

[CAPÍTULO XVII: ANTICRISTO – SUA PERDIÇÃO](#)

[CAPÍTULO XVIII: A SEMELHANÇA NÃO SE ENCAIXA?](#)

[CONTRA O ROMANISMO – por Rev. Christopher Vicente](#)

[CONHEÇA OUTROS E-BOOKS DA NADERE REFORMATIE PUBLICAÇÕES](#)

PREFÁCIO ORIGINAL

A demonstração a seguir repousa em uma base estreita. Seus dois postulados, como dois posteriores, nos admitem no edifício, mas eles não são seus fundamentos. Toda a economia da Redenção e todo o curso da História são as amplas bases nas quais o argumento é baseado e construído; e o autor humildemente alega que não pode ser derrubado, ou que a conclusão é posta de lado, sem deslocar e abalar a estrutura da Revelação e da Providência. A mesma linha de prova que estabelece que Cristo é o Messias prometido, aplicado inversamente, estabelece que o sistema romano é apostasia que foi profetizada. Na vida de Cristo, contemplamos o inverso do que o anticristo deve ser; e na profecia do anticristo, somos mostrados o inverso do que Cristo deve ser e foi. E quando colocamos o papado entre os dois e o comparamos com cada um, descobrimos, por um lado, que é o inverso perfeito de Cristo como visto em Sua vida; e, por outro, que é a imagem perfeita do anticristo, como mostrado na profecia acerca dele. Concluimos, portanto, que se Jesus de Nazaré é o Cristo, o papado romano é o anticristo.

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Quando se pensa em “discordar da Confissão de Fé de Westminster (CFW)”, mesmos entre aqueles que juraram subscrevê-la ou, até mesmo, entre os que defendem a subscrição confessional, o ponto, frequentemente, suscitado é o fato de a CFW, claramente, afirmar que o papado ou o papa é o anticristo (CFW XXV.6).^[1] Por alguns motivos, essa afirmação passou a ser incômoda aos ouvidos de nossa geração – embora não tenha sido aos pré-reformadores, reformadores, puritanos e presbiterianos durante séculos.^[2] E isso chegou ao ponto de, no início do século XX, sob influência liberal, essa expressão ser removida pela PCUSA (*Presbyterian Church United States of the American*) daquela que passou a ser sua versão da CFW confessada.

Eis alguns destes motivos de incômodo: ou em razão de um espírito ecumênico (ecumenismo) que tomou conta de muitos; ou em razão de uma ignorância da profunda e acurada quanto a exegese e a Teologia História por trás dessa formulação doutrinária; ou em razão da influência do dispensacionalismo (que mudou a natureza do anticristo ou a *persona* que recebe esse título); ou em razão de uma ignorância do que, realmente, é a Igreja de Roma e do que é a verdadeira fé cristã centrada no Evangelho (a Igreja de Roma e o Evangelho são, radicalmente, opostos); ou, simplesmente, para não parecer “indelicado” em uma cultura de “politicamente correto”. Um ou vários destes fatores combinados podem ser a razão dessa rejeição.^[3]

Porém, como dito, a exegese por trás dessa afirmação é sólida, acurada e precisa. O presente e-book é uma das clássicas obras presbiterianas expondo e defendendo que o Anticristo é o Papado. Nela, J. A. Wylie expõe 2 Tessalonicenses 2.3-12 e uma análise sucinta de outras profecias vero e neotestamentárias. Sua necessidade, em nossa língua, é urgente para que, com clareza expositiva, não sejam os crentes no Senhor enganados.

Wylie foi um ministro do evangelho, presbiteriano, atuante na Escócia e historiador da Igreja. Assim, ele uniu sua habilidade exegética com seu conhecimento histórico para nos mostrar que romanismo (catolicismo romano ou papismo) não é cristianismo; e seu Cabeça, o papa, que toma para si e concentra em si mesmo títulos de cada Pessoa da Trindade (Santo Padre/Santo Pai; Cabeça da Igreja/Cristo; Vigário ou substituto de Cristo na terra/o Espírito), esse é o Anticristo. Com suas doutrinas, o Papado/romanismo afasta os homens de Cristo enganando-os com e apresentando a eles como mediador um falso cristo.

Wylie não expõe a apostasia de todo o sistema doutrinário romano,^[4] porém, enfatizando o seu

cabeça (o papa) e, pontualmente, mencionando, aqui e acolá, as demais doutrinas, nos dá a convicção exegética e histórica de que o papado é o anticristo. É com essa convicção que Wylie diz, no último capítulo: “Estaremos cegos, de fato, se não pudermos encontrar o modelo original do retrato de Paulo” e esse modelo é o papado e o retrato pintado é 2 Tessalonicenses 2.3-12.

Como ministro do evangelho subscritor dos Padrões de Westminster; como pastor que, ocasionalmente, precisa tratar os venenos mortíferos do romanismo destilados contra o rebanho que Cristo me confiou; como apologeta que, também, precisa lutar contra o romanismo, eu te encorajo: leia essa obra! Que esse material fortaleça a convicção de muitos; ajude a tirar a relutância de outros; e nos faça atentos contra a sedução e engano do Anticristo – o papado. E que, em tudo, Cristo seja glorificado. *Soli Deo Gloria.*

Rev. Christopher Vicente
29 de janeiro de 2021, Natal, RN.

PREFÁCIO ESPECIAL

Ewerton B. Tokashiki

O Rev. James A. Wylie, em diligente pesquisa acerca do principal líder da igreja de Roma, concluiu que “o papado é o anticristo”.^[5] Talvez, você deseja lê-lo por mera curiosidade, ou por querer esclarecimento em tema tão controverso. Creio que você veio ao lugar certo para isso.

Apesar de controversa, esta não é uma dedução isolada, e sim uma dedução amparada por múltiplos testemunhos de inúmeros teólogos de diferentes períodos da História da Igreja. Homens como Jan Huss, John Wyclif, Lutero, Zwingli, Calvino, Beza, os puritanos e competentes teólogos reformados reconheceram o papado como sendo o anticristo! A maioria das confissões de fé calvinistas produzidas entre os séculos 16 e 17 declaram-no como o anticristo. Por isso, o Rev. Wylie, com firme clareza, no *Prefácio* de sua obra, declara que

como a nossa *Confissão de Fé* afirma, nós também declaramos, que o papado é o anticristo. Esta não é uma sugestão, mas uma assertiva. Fazemos a dogmática afirmação de que a instituição do papado como conhecemos, é o anticristo predito nas Escrituras. Uma afirmação ousada como esta, evidentemente, exige alguma evidência. Nessa época confusa, a igreja de Roma é vista como uma igreja cristã por muitos e o papa o seu cabeça na terra. Embora o papado reivindique e sustente esta posição tão exaltada, de fato isto não representa a realidade. Ao invés de ocupar o lugar da maior importância, na verdade ocupa o mais infame. Afirmamos que enquanto pretende ocupar o lugar de Cristo, na realidade ocupa o lugar do diabo. O papado não tem sua origem no paraíso, mas no inferno. O papa é o anticristo.^[6]

Infelizmente, hoje, ocorre a mesma diluição da convicção de que o papado é o anticristo. As razões são diversas, indo desde as diferentes perspectivas escatológicas aceitas no meio reformado até a indiferença confessional. Mas, há muitos subscritores dos Padrões de Westminster que, como o Rev. Wylie, aceitam, a partir do ensino bíblico, que dos dogmas da igreja romana acerca do sistema papal às evidências da história da igreja: o papado é o anticristo.

A CFW XXV.4 declara que “não há outro cabeça da igreja senão o Senhor Jesus Cristo. Em sentido algum pode ser o papa de Roma o cabeça dela, mas ele é aquele anticristo, aquele homem do pecado e filho da perdição que se exalta na igreja contra Cristo e contra tudo o que se chama Deus”. As gerações primevas de presbiterianos possuíam unanimidade quanto a esse tema. O primeiro comentário da CFW, por exemplo, escrito por David Dickson,^[7] declara que

é o papa aquele anticristo, que o homem do pecado e filho da perdição que se exalta na igreja de Deus contra Cristo e tudo o que é chamado Deus? Sim [2 Ts 2.3-4, 8-9; Ap 13.6; Mt 23.8-10]. Mesmo que isto seja negado pela igreja de Roma, todavia, a verdadeira descrição do anticristo concorda com ele. (1) Porque ele não é um simples homem, mas pertence a uma ordem e espécie de homens, sucedendo um ao outro no mesmo estado e ofício; que você verá comparando os textos de 1 Jo 4.3 e 2 Ts 2.7-8. (2) A sua vinda é segundo o modo de Satanás [2 Ts 2.9]. (3) Conforme o seu nome, ele se nomeia cristão, mas na verdade, é um adversário de Cristo; e, conseqüentemente, aquele que nega que Jesus é o Cristo [Ap 17.14; 19.19; 2 Ts 2.8; 1 Jo 2.23]. (4) Ele está assentado no templo de Deus como Deus [2 Ts 2.4]. (5) Ele governa na grande cidade e exerce domínio sobre os reis da terra. (6) Ele os engana habitando sobre a terra com mentirosos milagres e maravilhas [2 Ts 2.9; Ap 13.14-15]. (7) Ele ocasionou todas as classes de pessoas para receberem a sua marca sobre a mão direita e nas frentes deles [Ap 13.16-17]. (8) Para que concorde com o que Paulo disse: “e, agora [de fato, o imperador romano], que seria revelado em seu tempo” [2 Ts 2.6-7].^[8]

A CFW preserva a sua doutrina original mesmo passando por revisão nos EUA. A.A. Hodge define de modo muito feliz, em seu comentário da CFW, edição americana de 1887, que

o termo “anticristo” ocorre, no Novo Testamento, em 1Jo 2.18, 22; 4.3; 2Jo 7. A vinda do “homem do pecado”, o “filho da perdição”, é predita em 2Ts 2.3-4. Os intérpretes têm se diferenciado quanto a se essas expressões pretendiam designar uma pessoa oponente ao Senhor, ou princípios e sistemas antagônicos a ele e sua causa. Os autores de nossa Confissão, dificilmente, teriam pretendido declarar que cada papa individual da longa sucessão seja o anticristo pessoal, e, provavelmente, pretendessem dizer que o sistema papal é em espírito, forma e efeito, totalmente, anticristão, e que ele caracterizou uma apostasia do cristianismo apostólico previsto e predito na Escritura. Tudo isso foi verdadeiro, em seus dias; e, ainda, é verdadeiro nos nossos. Contudo, precisamos recordar que, como as formas do mal mudam, e as complicações do reino de Cristo com

o de Satanás variam com o progresso dos eventos, “ainda agora já há muitos anticristos” (1Jo 2.18).^[9]

Apesar de alguns presbitérios da PCUSA permitirem que os seus oficiais fizessem reservas quanto a esta doutrina na CFW XXV.4, por causa da diluição confessional da denominação, esta e outras doutrinas sofreram eliminação, alterações ou acréscimos. A edição revisada americana de 1903 da CFW da PCUSA foi o primeiro texto a retirar, textualmente, a declaração de que o papa é o anticristo.

Curiosamente, mesmo entre os papistas há alguns de seus teólogos declaram que o papado é o anticristo. Estes ousados escritores, em momentos de lucidez, percebendo a decadência moral e teológica em que se encontra a igreja romana e rejeitando os dogmas que se referem ao papado denunciam a apostasia da sua igreja. Recentemente, o teólogo católico George Tyrrel fez a seguinte declaração

creio na igreja Romana à medida em que é cristã e católica; eu não creio nisso à medida em que ela é papal. Vejo dois espíritos nela, como eu, lutando pela supremacia – luz e trevas, Cristo e o anticristo; Deus e o demônio. No momento, Cristo é rejeitado. O anticristo tem a primazia. [...] Espero o dia em que Pedro, que apesar da sua arrogante fidelidade e negações múltiplas, *aliquando conversus, firmabit fratres*.^[10] Por enquanto, ele está muito longe daquele bendito canto do galo.^[11]

Admira-nos que mesmo um teólogo jesuíta, submisso à cúria romana, faça tão corajosa declaração! Assim, concluímos com uma citação apropriada de James Begg. Ele afirma que

Podemos, facilmente, imaginar que o papado ficará ansioso e restringirá a sua força e atuação diante destas massivas e consistentes evidências – contudo, até onde sabemos, não foi feito nenhum recuo ou tentativa de mudança; mas, o que é difícil de entender, é porque protestantes continuam cegos com relação as enormes evidências das Escrituras que identificam o nosso grande inimigo. Podem estas evidências serem aplicadas a qualquer outra coisa registrada na história? Não se aplicam, literalmente, e tão notavelmente ao papa como anticristo? Não é confortador saber que nada aconteceu sem que o Espírito de Deus não tenha predito claramente? E não podemos nós, triunfantemente, antecipar o tempo, agora, tão perto, quando este monstro encubado será eliminado do meio da cristandade e a verdadeira igreja de Cristo se erguerá diante dos anjos e dos homens em toda sua glória e sua força milenar? O zelo do Senhor fará isso.^[12]

Por esse motivo, exerça o princípio protestante do livre exame! Diante dos argumentos apresentados pelo Rev. Wylie, vá às Escrituras, compare os fatos e com as declarações papistas, e questione a sua consciência se o ensino bíblico e as evidências não testificam que *o papado é o anticristo*. Não ignoremos o inimigo identificado.

Alguns líderes religiosos e políticos já foram, erroneamente, interpretados como sendo o anticristo. Alguns líderes, no cenário inglês, como Henrique XVIII, Maria Tudor, Elizabeth, foram interpretados como inimigos da Igreja de Cristo, por se apresentarem como cabeça da igreja anglicana e perseguirem os puritanos. Entretanto, apesar de agirem como um anticristo, não preenchem todas as prerrogativas do anticristo, por isso, podemos reconhecer que foram equívocos motivados por força do contexto imediato.^[13] O livro do Rev. Wylie é suficiente para corrigir essa equivocada conclusão.

É com alegria que recebemos este breve (porém, precioso) livro publicado pela *Nadere Reformatie* Publicações! Leia-o e indique a outros irmãos que, talvez, tenham alguma dúvida, ou negam com tanta facilidade que o papado é o anticristo.^[14] Sejam zelosos com a verdade e com a nossa confessionalidade.

Rev. Ewerton B. Tokashiki,
colaborador da NR Publicações.

25 de março de 2021, Teófilo Otoni-MG.

CAPÍTULO I

O TERMO ANTICRISTO

Não iremos muito longe nesta discussão; nem é, absolutamente, necessário fazê-lo. Os materiais para uma decisão correta sobre a questão que temos, diante de nós, estão à mão. O apóstolo João, falando sobre o grande apóstata que surgirá na cristandade, o chama de Anticristo. E o Papa tomou para si, como o nome que melhor descreve seu ofício, o título de “Vigário de Cristo”. Tudo o que perguntaremos como base de nosso argumento são estes dois fatos aceitos, a saber: (1) que João denomina o apóstata de o Anticristo; e (2) que o chefe do sistema romano se denomina Vigário de Cristo.

O papado detém em seu nome a chave de seu significado. Faremos uso dessa chave para desvendar seu mistério e seu verdadeiro caráter. O papado não pode reclamar, embora adotemos essa linha de interpretação. Não fazemos nada mais do que usar a chave que ela colocou em nossas mãos.

O apóstolo João, já dissemos, falando sobre a apostasia, a vinda da qual ele prediz, a denomina de Anticristo. Também dissemos que o Papado, falando por meio de seu representante e chefe, se autodenomina “Vigário de Cristo”. A primeira, “Anticristo”, é uma palavra grega, a segunda, “Vigário”, é uma palavra inglesa; mas os dois são, na realidade, um, pois ambas as palavras têm o mesmo significado. O Anticristo, traduzido para o inglês, é *Vice-Christ*, ou Vigário de Cristo; e Vigário de Cristo, traduzido para o grego é Anticristo [ἀντίχριστος]. Se pudermos estabelecer que isso (e o uso comum da palavra por aqueles a quem o grego era um vernáculo) é decisivo, neste ponto, não teremos dificuldade em mostrar que este é o significado da palavra “Anticristo” – mesmo um Vice-Cristo. E, se assim for, então, cada vez que o Papa afirma ser o Vigário de Cristo, ele advoga, no tribunal do mundo, que ele é o “Anticristo”.

Além disso, isso limpará nosso caminho e simplificará nossa discussão. Pois, note: se o Anticristo significa um Vice-Cristo, isto é, aquele que vem no lugar de Cristo – *engano, dissimulação, falsificação*, deve ser um elemento essencial em seu caráter. Em quaisquer pessoas ou sistemas que faltam essas características fundamentais, falhamos em encontrar o “Anticristo”, qualquer que seja sua oposição geral a Cristo e ao Cristianismo, ou quaisquer outras características do Anticristo que possam ter. Eles podem ter todas as outras características pelas quais a profecia descreveu este notável adversário de Cristo e Seu evangelho, mas, na falta dessa característica fundamental, sua reivindicação a essa distinção, predominantemente má, não pode ser admitida.

Isso nos permite descartar, sumaria e imediatamente, uma série de anticristos que foram conjurados por pessoas que se basearam em sua imaginação, em vez de seguir qualquer princípio sólido de interpretação profética. A causa do papado é servida pelos falsos polimentos e interpretações errôneas das Escrituras que interpõem um pseudo-anticristo entre ela e a Profecia, que desdobra contra ela um registro tão negro, e suspende acima dela uma condenação tão terrível.

Devemos supor que um ateu ou infiel foi levado à justiça para responder pela acusação de ser o Anticristo. Ele manifestou uma malignidade satânica contra o Evangelho, e tem trabalhado ao máximo de seu poder para destruí-lo. Ele blasfemava contra Deus, execrava a Cristo e zombava,

difamava e perseguia todos os que professavam Seu nome e, com base nisso, ele foi considerado o Anticristo. O caso não é imaginário. Ateus e zombadores, em épocas anteriores; Voltaire e Paine, em tempos posteriores; comunistas e panteístas, em nossos dias, todos foram acusados de Anticristo.

Bem, vamos supor que um ou outro desses personagens ou sistemas, notoriamente, perversos tenham sido postos à prova, sob a acusação de ser o “adversário” previsto por João. “Quem é você?” diz o juiz. “Você é um Vice-Cristo? Então, você faz uma profissão de cristianismo e, sob esse pretexto, procura miná-lo e destruí-lo?”. “Não”, responde o acusado. “Eu não sou falsificado. Cristo e Seu Evangelho, eu odeio; mas sou um inimigo declarado, luto sem máscara”. Voltando-se para a imagem desenhada, por Paulo e João, pelo grande rival e oponente de Cristo, e encontrando a característica marcante e essencial no retrato ausente no acusado, o juiz seria constrangido a dizer: “Eu não acho a acusação provada. Siga seu caminho; você não é o anticristo”.

O maometismo [islamismo] chega mais perto do anticristo da Bíblia do que qualquer outro dos sistemas opostos. No entanto, fica muito aquém disso. Maomé não rejeitou a missão de Jesus; pelo contrário, ele professou tê-lo em honra como um profeta. E, da mesma maneira, seus seguidores ainda se sentem em relação a Cristo. Mas, o Islã não professa ser uma *imitação* do Cristianismo. Qualquer *falsificado* que pode ser descoberto no maometismo é parcial e obscuro quando colocado ao lado do *falsificado* do Romanismo. Requer um violento esforço de imaginação para aceitar islamismo, ou, de fato, qualquer outro *ismo* conhecido, como um Vice-Cristo.

De todos os sistemas que já existiram na terra, ou estão, agora, sobre ela, somente o Romanismo atende a todos os requisitos da profecia e exhibe todas as características do Anticristo; e o faz com uma integridade e veracidade que permitem ao homem que se deixa guiar pelas afirmações da Palavra de Deus, por um lado, e pelos fatos da história, por outro, dizer imediatamente: Isto é o anticristo.

O que dissemos pretende indicar as linhas nas quais nossa demonstração irá prosseguir. Devemos traçar o paralelismo entre seus respectivos chefes, Cristo e o Papa, ao longo de toda a linha de sua carreira. Nesse paralelismo, está a essência do anticristianismo e, claro, a força de nosso argumento. *É essa falsificação, tão exata e completa, que enganou o mundo na crença de que isso é o cristianismo*, para o desperdício de séculos, não poucos, a perturbação e destruição de reinos, o atrofiamento do entendimento humano e a perda de milhões de almas imortais.

CAPÍTULO II

ANTICRISTO RETRATADO ANTES DE SEU NASCIMENTO

É um tanto notável que a descrição mais clara, completa e real do Anticristo que possuímos seja aquela que foi dada a ele antes de sua ascensão. O papado – se nos é permitido antecipar o que será o objetivo de as próximas páginas demonstrar – tem mil e duzentos anos de existência e, durante todos esses séculos, foi um dos principais atores do mundo; nem tempo nem oportunidade tem faltado para a exibição de seu espírito e objetivos. O registro de suas ações está aberto ao mundo e aquele que corre pode lê-lo; e, depois de tanto tempo, podemos acrescentar, um conhecimento tão sombrio dele, pode-se supor que, agora, seríamos capazes de dar uma descrição mais completa e verdadeira dele do que qualquer outra que pudesse ser dada antes de ele existir. Ainda não. Incomparavelmente, o retrato mais real do papado que existe, é o que foi dado por Paulo, no primeiro século, quando escreveu aos cristãos tessalonicenses, o qual apresentamos a seguir.

A pintura de Paulo não é a única pintura do papado na página da Bíblia. Daniel, séculos antes, prenunciou a ascensão desse sistema em imagens de vivacidade gráfica e grandeza dramática. Pouco depois de Paulo, João, em símbolos igualmente majestosos e terríveis, predisse o advento do mesmo poder. A visão foi duplicada, porque a coisa era certa. Paulo está entre essas duas profecias – duas, porém uma – como seu intérprete inspirado. Ele não emprega nem figura nem símbolo, mas, em palavras claras e solenes, ele levanta o véu e revela a origem infernal e o caráter satânico daquele poder, que, quando ele escreveu, estava tão próximo que os cristãos a quem ele dirigiu sua epístola quase poderia ouvir o som de seus passos se aproximando e ver a sombra que já havia começado a projetar sobre a Igreja e o mundo. Citamos a passagem, 2 Tessalonicenses 2.1-12:

1 Irmãos, no que diz respeito à vinda† de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, nós vos exortamos 2 a que não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como se procedesse de nós, supondo tenha chegado o Dia do Senhor. 3 Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, 4 o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus. 5 Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas coisas? 6 E, agora, sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria. O caráter do homem da iniquidade e a sua derrota 7 Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; 8 então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca† e o destruirá pela manifestação de sua vinda. 9 Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira, 10 e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos. 11 É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira, 12 a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça.

CAPÍTULO III

ANTICRISTO UM INIMIGO DEBAIXO DE UMA MÁSCARA

A fim de nos apresentar ao nosso assunto, tomamos como certo que o sistema descrito por Paulo, na passagem que acabamos de citar, é o papado. Essa é a coisa a ser estabelecida. Agora, procedemos para provar isso e desde que mostremos, em bases boas e conclusivas, que o sistema descrito por Paulo é a apostasia romana, e que este é o mesmo sistema que Daniel e João retrataram sob símbolo e imagem, seguir-se-á que aquele que admite que a Bíblia é a Palavra de Deus, e que Paulo escreveu por inspiração do Espírito Santo, deve acreditar que o papado – isto é, a apostata romana – é o anticristo das Escrituras.

Este não é um ponto de mera especulação. É uma questão que envolve grandes questões práticas. Essa indagação tem por objetivo averiguar o verdadeiro significado de uma parte importante da Palavra de Deus, mesmo a melhor metade de suas profecias. Além disso, sobre esta questão deve repousar o veredicto que devemos pronunciar sobre aquela sociedade que se autodenomina “a igreja”, como também as revelações nas quais devemos nos posicionar. E disso, também, deve depender se devemos abandonar ou se devemos continuar a ocupar o terreno que estamos acostumados a considerar como nossa posição central divina em nossa guerra contra o papado; ou melhor, se não devemos encerrar esta guerra e confessar que lutamos o tempo todo sob um erro.

Quem é o Anticristo? Isso nos ajudará a encontrar a resposta certa para esta pergunta se determinarmos primeiro, *o que é o Anticristo?*

O Anticristo é um inimigo que faz guerra ao Filho de Deus – o que não resta dúvida. Mas, qual é a forma dessa guerra e sob que personagem o Anticristo a conduz? Ele a luta, abertamente, ou a luta sob uma máscara? Ele entra em campo como um rebelde declarado e um inimigo declarado, ou ele vem como um adepto amigável que professa trazer apoio e ajuda à causa que, na realidade, ele procura minar e destruir? Para determinar esse ponto, vejamos o significado da palavra *anticristo* conforme empregado nas Escrituras.

O leitor percebe que o termo é composto, sendo formado por duas palavras *anti* e *Cristo*. O nome é de nova formação; sendo composta, ao que parece, por esse mesmo inimigo, e por sua etimologia expressar, mais exata e perfeitamente, seu caráter do que qualquer palavra mais antiga poderia.

A questão precisa, agora, diante de nós é esta: Qual é o sentido preciso de *anti* nessa conexão? Isso designa um inimigo que diz, aberta e verdadeiramente: “Eu sou *contra* Cristo”. Ou designa alguém que diz, plausível, mas falsamente: “Eu sou *para* Cristo”. Qual [dos dois sentidos]?

Para determinar isso, vejamos a força dada a esse prefixo por escritores tanto da literatura clássica quanto das Sagradas Escrituras. Primeiro, os antigos escritores clássicos. Por estes a preposição *anti* é, frequentemente, empregado para designar um *substituto*. Este é, de fato, um uso muito comum dele nos escritores clássicos. Por exemplo, *anti-basileus*, aquele que é o *locum tenens* de um rei, ou como devemos dizer, agora, *vice-rei*: *anti* tendo, neste caso, a força do termo inglês *vício*. Aquele que ocupou o lugar de cônsul foi *antihupatos*, pró-conselheiro. Aquele que ocupou o lugar de um convidado ausente em uma festa foi denominado *antideipnos*.

A preposição é usada neste sentido do grande substituto em si. Cristo disse ter se dado como um *antitron*, um resgate no lugar de todos. O uso clássico não exige que demos, apenas, um sentido a essa palavra, e restrinja-o a quem busca, abertamente, e pela força, sentar-se no lugar de outro, e por usurpação violenta acabar com a autoridade desse outro. Temos a liberdade de aplicá-lo a quem rouba o cargo de outro sob a máscara da amizade; e, enquanto professa defender seus interesses, trabalha para destruí-los. Isso nos deixa livres para recorrer ao uso da palavra nas Escrituras.

O *anticristo* vem primeiro à vista no discurso de nosso Senhor registrado em Mateus 24.24 e em Marcos 13.22: “Para falsos cristos (*pseudocristos* – *ψευδόχριστος*) e falsos profetas surgirão e farão sinais e maravilhas para enganar, se possível, até mesmo os eleitos. Nosso Senhor não usa, de fato, a palavra Anticristo, mas o que é quase seu sinônimo *pseudo-cristo*. No entanto, as pessoas cuja vinda Ele prediz estão na linha do Anticristo; eles pertencem à mesma família e sua grande característica é o engano. Manifestamente, eles não são inimigos declarados, mas amigos fingidos; eles são “falsos cristos e falsos profetas” e, como tais, são os precursores do grande Anticristo que os sucederá e em quem encontrarão seu desenvolvimento mais completo e consumação final. Eles buscarão por meio de “sinais e maravilhas”, falsos, é claro, obscurecer a glória dos verdadeiros milagres de Cristo, enfraquecer a evidência de Seu messianado surgindo daí e afastar os homens do Cristo Verdadeiro e irem após ele [o falso cristo].

O outro lugar, no Novo Testamento, em que é feita referência ao Anticristo é a 1ª e 2ª Epístolas de João. A ideia que João apresenta do Anticristo está em harmonia com a de nosso Senhor. João o procura disfarçado de enganador. “Filhinhos”, diz João (1 João 2.18), “já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora, muitos anticristos têm surgido; pelo que conhecemos que é a última hora”. Após este anúncio de um grande e especial Anticristo, para seguir o rastro daqueles menores Anticristos que já haviam chegado, e estavam exigindo suas reivindicações sobre a atenção do mundo, ele passa a olhar mais de perto o gigante que se levantaria depois que esses anões morreram. Ele observa com destaque uma característica dele, que é sua falsidade. O Anticristo, diz João, é mentiroso (v. 22). “Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho”.

“As palavras de São João”, diz o arcebispo Trench, “parecem-me decisivas sobre o assunto, que a resistência e o desafio a Cristo, não a falsa suposição de seu caráter e ofícios, é a marca essencial do Anticristo” (Sinônimos do Novo Testamento, por RC Trench, BD, p.120 Cambridge e Londres, 1854). Essa é a opinião do Dr. Trench; mas ele não dá nenhuma base para isso, e não podemos imaginar nenhuma. Tiramos a conclusão, exatamente, oposta das palavras do apóstolo, mesmo que a “falsa suposição de Seu caráter e ofícios” é uma marca essencial do Anticristo. “Ele é um mentiroso”, diz João. Mas se ele vem com ousadia e honestidade se confessando inimigo de Cristo, como ele é um mentiroso? Se ele confessa, sem ocultação, seu ímpio desígnio de derrubar a Cristo, com que verdade ele pode ser chamado de enganador? Porém, esse é o caráter, claramente, atribuído a ele por João (segunda epístola, v. 7): - “Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo”. Obviamente, a exegese, ou melhor, a suposição do Dr. Trench é inadmissível.

O Dr. Chalmers não teve dificuldade em enxergar o sistema romano na “apostasia” predita por Paulo. Nós o encontramos dizendo em suas leituras das Escrituras: “Salva-nos, ó Senhor, da

apostasia, para que não participemos da perdição que aguarda a grande apostasia. Acreditamos que a usurpação de Roma seja, evidentemente, apontada; e, portanto, mantenhamos nossa distância e continuemos nosso protesto resolutivo contra suas grandes abominações” (Dr. Chalmers; *Leituras das Escrituras no sábado*, vol. I, p. 310. Edimburgo, 1848).

O arcebispo Trench foi enganado, pode ser, pela força do termo *negar*. “Ele é o Anticristo que nega o Pai e o Filho”. Mas quem não confessa quando é chamado a fazê-lo, nega. Tal é o uso da palavra, nessas aplicações, em todo o Novo Testamento. Este é o uso que João faz disso nesta mesma passagem: “Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo”.

É claro que o Anticristo, conforme descrito por nosso Senhor e por Seu apóstolo João, deve usar uma máscara e professar uma coisa e agir de outra. Ele deve entrar na igreja como Judas entrou no jardim – dizendo que é para beijar seu Mestre, mas, na realidade, era para traí-lo. Ele é para vem com palavras de paz em sua boca, mas de guerra em seu coração. Ele deve ser um falso Cristo – a semelhança de Cristo estampada em um metal comum. Ele deve ser uma imitação de Cristo, uma imitação próxima, inteligente e astuta, que enganará o mundo por séculos, exceto aqueles que, ensinados pelo Espírito Santo, serão capazes de ver através do disfarce e detectar o inimigo sob a máscara do amigo.

CAPÍTULO IV

ANTICRISTO NÃO ATEU OU COMUNISTA

O Anticristo, então, é um *falsificado*. Mas esta única marca não é, por si, suficiente para identificar a pessoa em quem ela é encontrada como o grande apóstata. Todo engano na religião é anticristão; as outras marcas devem vir junto com esta para nos garantir a dizer que encontramos aquele homem, preeminentemente, perverso, e aquela combinação portentosa de todo o mal que deve formar o Anticristo.

No entanto, esta única marca nos permite testar certas teorias que foram apresentadas neste assunto. Se o Anticristo deve ser, necessariamente, um enganador – um falso Cristo –, então, nenhum ateu ou grupo de ateus pode ser o Anticristo. Nenhum panteísta ou grupo de panteístas pode ser o Anticristo. Eles não são enganadores; eles são inimigos declarados. Eles fazem guerra em desafio a Deus e a Cristo, e sob o protesto de que não existe tal pessoa como a Bíblia afirma para ocupar o cargo de Mediador e Salvador do mundo. Eles consideram todo o caso uma invenção dos padres. O Anticristo não ousa fazer tal confissão. Seria fatal para ele. Se ele afirmasse que o Cristianismo é uma fábula, e uma impostura completa, ele arrancaria o chão de seus próprios pés. Ele negaria o primeiro postulado em seu sistema; pois primeiro deve haver um Cristo antes que possa haver um Anticristo.

E não menos esta marca nos cala para a rejeição da teoria que foi apresentada com muito fervor e alguma plausibilidade, de que o Anticristo é um personagem político, ou potentado, algum Rei terrivelmente tirânico e portentosamente mau, que se levantará, e por um curto espaço de tempo devastar o mundo pelas armas. Este é um anticristo totalmente diferente daquele anticristo que a profecia prenuncia. Ele pode parecer, não, superá-lo, na violência aberta, mas carece da profunda dissimulação sob a qual o Anticristo cometerá suas atrocidades. A raiva do mero tirano é espalhada indiscriminadamente sobre o mundo em geral; a raiva do Anticristo está concentrada em um objeto e causa específicos; nem com qualquer propriedade pode-se dizer que tal pessoa se senta no “templo de Deus”, a cadeira na qual o falso Cristo se deleita, especialmente, em se mostrar.

A profecia se recusa, absolutamente, a ver em qualquer uma dessas teorias o sistema, totalmente, único e exagerado de hipocrisia, blasfêmia e tirania que ela predisse. Até agora, fomos ajudados em nossa busca. Quando somos capazes de colocar de lado alguns dos falsos Anticristos, ficamos mais à vista do verdadeiro. Voltamo-nos, agora, para a profecia de Paulo e seremos cegos, de fato, se, depois de estudá-la, tivermos qualquer dúvida quanto à semelhança de quem nos olha a partir desta notável predição.

CAPÍTULO V

OS DOIS MISTÉRIOS DA BÍBLIA

O nome *Anticristo*, é verdade, não ocorre nesta profecia. É desnecessário. João havia dado o nome. Paulo nos apresenta seu retrato. Ele descreve o Anticristo com um poder, uma verdade, uma exatidão e uma plenitude que não deixaram nada durante os dezoito séculos que, desde então, passaram para suplementar, muito menos para corrigir ou emendar. Os traços com que este retrato é desenhado são poucos, mas cada um é um relâmpago, e todos os membros e características do terrível colosso são revelados. Paulo não pintou esse retrato e deixou-o como um enigma para perplexar e confundir eras futuras. Com a história nas mãos, não há lugar para dúvidas sobre isso.

Desde que Paulo escreveu, houve apenas um sistema ao qual esse retrato pode ser aplicado. Aplica-se a ele em todos os detalhes, visto que a fotografia concorda em todos os traços com o rosto vivo de onde foi tirada. Todavia, não concordará com nenhum outro sistema que, agora, existe ou existiu na terra; da mesma forma que a fotografia não irá concordar com nenhuma fisionomia, senão aquela que se estampou na placa do artista. O espírito de profecia previu com clareza a vinda do Anticristo e, com tanta sinceridade, ele capacitou Paulo a descrevê-lo.

A chave desta profecia está no sétimo versículo, “Porque o mistério da iniquidade já opera!”. “O mistério da iniquidade!”. A frase é impressionante. Não é, simplesmente, iniquidade, é o mistério da iniquidade. Desde a época em que a primeira transgressão, no Éden, abriu a porta para sua entrada, a iniquidade nunca esteve ausente da terra. *A história nada mais é do que um triste recital de iniquidades*. Mas, agora, uma nova época estava para ser aberta na carreira do mal. Uma organização de iniquidade, até então, sem precedente e impensada estava para aparecer.

A frase “mistério da iniquidade” sugere uma conspiração secreta e terrível para o pecado, entre seres de várias classes e faculdades, e, talvez, também de várias naturezas. Não uma mera série de atos isolados, mas um sistema, habilmente, construído; as várias partes bem ajustadas umas às outras; e seu trabalho conjunto educando um produto de tremendo caráter maligno, superando o que qualquer época anterior havia testemunhado. Esse “mistério” ainda não era divulgado, porém, era mesmo, agora, quando Paulo escreveu, viajando em direção à luz, e seria revelado no tempo devido.

“O mistério da iniquidade”

Este é o nosso verdadeiro ponto de vista, de onde podemos examinar toda a passagem. Quando examinada a partir desta posição, a profecia de Paulo será vista como tendo uma amplitude de significado e uma profundidade de importância tão profunda quanto seu alcance é vasto. Arriscamo-nos a pensar que a altura e a profundidade dessa profecia ainda não foram medidas com muita precisão ou seu significado, totalmente, compreendido.

Qual é o mistério da iniquidade? A frase sugere outro – o mistério da piedade. Paulo escrevendo a Timóteo diz (1 Timóteo 2.16): “Evidentemente, grande é o mistério da piedade”. Essas duas frases estão isoladas na Bíblia. Lemos, apenas, uma vez sobre o mistério da piedade e, apenas, uma vez sobre o mistério da iniquidade. Eles são os dois mistérios, preeminentemente, grandiosos do Apocalipse. Eles se opõem: o mistério da iniquidade, moldando seu caráter

externo e semblante sobre o mistério da piedade, tornando-se seu padrão, até que, finalmente, o mistério da iniquidade se apresenta ao mundo uma perfeita imitação e falsificação do mistério da piedade.

Vendo os dois mistérios estarem tão relacionados entre si, um mistério interpreta o outro. Devemos dar a mesma altura e profundidade, o mesmo comprimento e largura, tanto um como ao outro, tanto quanto a origem diversa e o caráter dos dois permitirão.

Perguntamos, então, qual é a ideia precisa do Espírito Santo na frase “o mistério da piedade”? A frase denota, simplesmente, aquele sistema de verdade espiritual que Deus tem desenvolvido durante as idades sucessivas do mundo que, agora, finalmente, se encontra, plenamente, manifestado no Evangelho? Sem dúvida, isso é parte do “mistério da piedade”; mas não é o todo, nem de fato é a parte principal dele. O “mistério da piedade” não é, apenas, o desenvolvimento de um sistema, mas sim, é o desenvolvimento de uma Pessoa. Assim, o apóstolo o define. “Evidentemente”, diz ele, “grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou na carne”. Foi o desenvolvimento gradual de certos princípios e verdades grandes e sobrenaturais por meio de símbolos, profecias e pessoas típicas, até que, finalmente, alcançaram seu desenvolvimento completo e sua manifestação plena na pessoa do Filho de Deus.

O “mistério da iniquidade”, que se opõe ao “mistério da piedade” como seu paralelo falsificado, deve ser como ele – como ele por ter sua origem fora do mundo, como ele em seu desenvolvimento lento e gradual, e como ele em sua culminação final. Disto, também, devemos dizer que não é apenas o desenvolvimento de um sistema, é o desenvolvimento de uma pessoa. É a reunião de todos os princípios do mal, e a organização deles em uma organização ou hoste, e sua incorporação, finalmente, em uma pessoa representativa ou cabeça – o Anticristo. Ele seria o grande resultado da apostata; não sua mera cabeça ornamental, mas seu executivo. Ele deveria guiar seus conselhos, inspirar sua política, executar seus decretos; em suma, ele deveria ser o órgão por meio do qual seus terríveis poderes seriam colocados em ação.

Consideramos esta a ideia dominante na passagem. Assim como o “mistério da piedade” não é, meramente, a manifestação do sistema da piedade, mas a manifestação do próprio Deus, também o mistério da iniquidade não é, meramente, a manifestação do sistema da iniquidade, mas a manifestação da pessoa ou autor de iniquidade.

A profecia traz diante de nós dois mistérios, um a falsificação em todos os pontos do outro. Temos um agente invisível, o próprio Deus, abaixo de um; temos um agente invisível, o próprio Satanás, sob o outro. Temos o único mistério culminando, finalmente, em uma encarnação, Deus manifestado em carne. Vemos o outro da mesma maneira culminando em uma encarnação, em um sentido vago; pois todos os seus princípios se concentram e se mostram ao mundo por meio de sua cabeça viva na terra, o Anticristo.

Podemos ir ainda mais longe e dizer que há uma encarnação tão real do espírito e da mente de Satanás no mistério da iniquidade, como há do espírito e da mente de Deus no mistério da piedade. E como, em Cristo, Deus e o homem se encontram; assim, no Anticristo, seu falso e rival, o humano e o sobre-humano se encontram e agem juntos – o homem nascido na terra e o arco-anjo caído.

CAPÍTULO VI

REVELAÇÃO DOS DOIS MISTÉRIOS

O apóstolo, tendo trazido esses dois mistérios ao palco e mostrando-nos cara a cara, segue traçando o paralelo entre os dois. Esse paralelo é, claramente, perceptível em cada estágio de sua carreira. O apóstolo o traça primeiro em sua ascensão; segundo, em sua vinda; e terceiro, em seu desenvolvimento pleno e completo. Vamos acompanhar o paralelismo passo a passo.

Em sua ascensão: “*Com efeito, o mistério da iniquidade já opera*” [2 Tessalonicenses 2.7a]. Já existia, suas energias estavam todas agitadas, mas funcionava em segredo e era inaudível para o mundo. Funcionava como o fermento na farinha, que fermentava, silenciosamente, a massa até que tudo estivesse fermentado. Funcionou como a semente no solo, que, germinando na escuridão, perfura o torrão, explode na luz; e, recebendo uma adesão de força do sol e do ar, brota no caule e, finalmente, culmina em flor e fruta.

O mistério da iniquidade funcionou como obras de traição. Os conspiradores se reúnem em um conclave secreto, eles planejam seus planos desconhecidos do mundo, falam em sussurros, mas seus planos amadurecem e, agora, vêm para o exterior à luz do dia e proclamam no alto das casas o que haviam incubado na escuridão.

Da mesma forma, funcionou o “mistério da piedade”. Mesmo neste estágio inicial dos dois mistérios, traçamos uma semelhança entre eles. Vamos pensar por quanto tempo o Evangelho funcionou antes de ser emitido na encarnação do Filho de Deus. Durante séculos e gerações, o Cristianismo foi um mistério oculto. A redenção dos homens, por meio da encarnação do Filho de Deus, era um segredo, profundamente, oculto nos conselhos de Deus na eternidade e, mesmo depois de o tempo ter iniciado seu curso, permaneceu por muito tempo um segredo desconhecido para o mundo. Aos poucos, esse mistério se revelou.

Primeiro, a ideia de *encarnação* foi, vagamente, divulgada. Na primeira promessa, foi feita menção à “semente da mulher”, e nesta obscura intimação foi construída a esperança de um Libertador, e essa esperança desceu ao longo dos séculos com a raça. A ideia de *expição* foi revelada, a seguir na designação do sacrifício, que também, com a esperança que é expressa e sustentada, desceu com o tempo. Em seguida, um sistema completo de adoração cerimonial foi instituído, para revelar a redenção vindoura na amplitude de suas bênçãos. Ainda assim, o véu estava sobre ele. Ele estava diante do mundo em forma. Surgiu uma série ilustre de personagens augustos, que foram precursores ou tipos de Cristo. Eles exibiram para a igreja os cargos que seu Salvador encarnado iria preencher, e a obra que Ele iria executar. Lá se levantou uma ordem de homens proféticos que O prefiguraram como o Grande Mestre; ali se levantou uma ordem de homens sacrificiais que O prefiguraram como o único sacerdote. Lá se levantou uma ordem de homens reais que O prefiguraram como um Monarca, e um Monarca que deveria ser mais alto e mais poderoso do que qualquer um dos monarcas da terra. Os reis da casa de Judá prefiguraram-no como o fruto de uma linhagem real e o herdeiro de um trono ao qual todas as nações deveriam servir e perante o qual todos os reis deveriam se curvar.

Assim, o “mistério da piedade” funcionou, revelando-se com o passar dos anos – o tipo cada vez mais claro, e a profecia cada vez mais completa – até que, finalmente, o “mistério” saiu de trás do véu e ficou diante do mundo, aperfeiçoado, acabado e, totalmente, revelado na pessoa de

Jesus de Nazaré, o Cristo: “Deus manifestado na carne”; e centrando em Sua pessoa, e fluindo dela, através de Sua vida e ministério e morte, como raios do sol, eram todas as gloriosas doutrinas do Evangelho.

Da mesma forma, o “mistério da iniquidade” continuou a viajar, nas mesmas etapas, até o dia de sua revelação final. Não foi a produção de uma, mas de muitas idades. A moda do mundo mudou: grandes impérios que encheram a terra com sua glória e oprimiram-na, desceram à sepultura. Adorações surgiram com suas hierarquias poderosas e grandes cerimoniais, e quando seu dia acabou, deixaram apenas leques em ruínas e altares abandonados para contar que eles já existiram.

Todavia, o “mistério da iniquidade” como que imortal, como o Ser que o inspirou, se recusou a sucumbir a esses choques. Ele continuou seu curso, sobre troncos quebrados e altares profanados, sempre alcançando aquela meta elevada onde deveria se mostrar às nações e ser a maravilha de todos os que habitam sobre a terra.

Silenciosa e furtivamente, esse “mistério” seguiu seu curso. Durante séculos e gerações, também foi um mistério oculto. Paulo nos diz que estava funcionando em sua época. Isso nos garante dizer que o Anticristo nasceu, então, e estava testando seus poderes infantis. O mundo não ouviu seu trabalho, mas Paulo, pelo espírito de profecia, fez isso, e soou um alarme para a igreja. Os gnósticos e outros mestres do erro que tinham saído ao mundo, desde os dias de Paulo, eram anticristos; e aqueles, em especial, que propagaram a ilusão de que era um fantasma que os judeus agarraram e crucificaram no Calvário. Eles pareciam admitir a missão de Cristo, mas eles subverteram o grande fim de Sua vinda ao negar Sua encarnação e, por consequência, toda a obra de redenção.

Todavia, embora esses professores fossem anticristãos, eles não eram o Anticristo. Depois deles, Paulo avisou que deveria vir alguém muito mais poderoso do que eles, a tranca de cujos sapatos eles não eram dignos de soltar. Eles eram Anticristos mal crescidos e deformados; seu sistema de erro era imaturo, e seu poder de ataque desprezível, em comparação com aquele anticristianismo desenvolvido que se levantaria depois de dias e diria ao mundo: “Eu sou o Cristo, e sob essa cor faria guerra contra o verdadeiro Cristo”.

Não, mesmo antes dos dias do apóstolo, o “mistério da iniquidade” começou a operar. Desde o início, Satanás fez com que a linha do erro corresse paralela à linha da verdade. Ele tinha sido um observador atento do plano de Deus desde o início, e fez dele o modelo para formar o seu próprio. Nunca o plano Divino avançou um estágio sem que Satanás fizesse um avanço correspondente em seu plano, tão semelhante ao outro quanto possível, em todos os aspectos externos, mas, essencialmente, antagônico a ele em princípio e espírito.

Satanás foi uma falsificação desde o início. Mesmo nos tempos do paganismo, ele nunca se mostrou um adversário declarado ou travou uma guerra aberta. Ele, em nenhum lugar, estabeleceu um sistema de ateísmo. Ele permitiu que a grande ideia de um Deus fosse recebida no mundo pagão. Porém, ele teve o cuidado de interceptar a influência dessa grande verdade no coração e na vida, induzindo os homens à adoração de “muitos deuses”, e esses deuses à semelhança do homem. Ele ergueu altar contra altar, sacerdócio contra sacerdócio e sacrifício contra sacrifício; e ele ampliou e embelezou seu ritual no mundo pagão até que não parecesse um rival indigno do cerimonial, divinamente, instituído no Monte Moriá.

Além disso, ele enviou pioneiros para manter viva a expectativa no mundo pagão de algum grande que ainda estava por vir. Ele mostrou ao mundo uma imagem colossal do Anticristo enquanto ainda estava à distância. Pois o que eram os césaes, rei e sacerdote do mundo romano, senão tipos daquele poder mais terrível, temporal e espiritual, que se centralizava na cadeira dos papas? Aquela imagem colossal que ele manteve, totalmente, à vista do mundo, até que a plenitude dos tempos para o aparecimento do Anticristo tivesse chegado, então, ele retirou a imagem e apresentou a grande realidade, o Homem do Pecado agora em plenitude nascimento, embora ainda não em sua estatura completa, e ele encontrou para ele um assento e um trono nas Sete Colinas.

CAPÍTULO VII

O PASTOR SE TORNA UM MONARCA – DEZ SÉCULOS DE ESCALADA

Começando sua carreira nos dias de Paulo, foi somente no século XIII que o “Homem do Pecado” atingiu sua maturidade e se apresentou diante do mundo em plena estatura. Durante todas essas eras, ele se manteve cada vez mais alto, acumulando suposição sobre suposição e prerrogativa sobre prerrogativa, até que, finalmente, ele se elevou a uma altura da qual olhou para baixo, não apenas para todas as igrejas, mas para todos os reis e reinos. Ele afirmou ser o único bispo do mundo e o único monarca do mundo.

No primeiro século, ele é visto como o pastor humilde, cujo único cuidado é alimentar seu rebanho, e que não procura nenhuma coroa, exceto aquela que o pastor supremo possa ter prazer em dar-lhe em seu aparecimento. No décimo terceiro, ele é visto como um poderoso potentado, que permanece com os pés plantados em todos os tronos e domínios da cristandade. Ele escreve para si mesmo um “Rei dos Reis” e reivindica por direito divino administrar todos os assuntos da Terra. Excetuando-se o Cristianismo, não há exemplo semelhante na história do que, no início, era tão pequeno, tornando-se, no final, tão grande.

Trezentos e mais papas são vistos, um após o outro, perseguindo esta ideia, sem uma única vez relaxar em seus esforços ou se desviar da perseguição. Cada um, sucessivamente, retoma o plano no ponto em que seu predecessor o havia deixado e o leva a um estágio mais próximo de sua consumação. Por 1.300 anos a fio, vemos a empresa ser levada adiante com uma constância inabalável e uma coragem resoluta, com uma perseverança e uma sutileza - em suma, uma combinação de poderes nunca vistos, antes, trabalhando juntos para a realização de qualquer outro projeto. Há mais do que um homem, aqui. O espírito que concebeu este plano, que inspirou os atores e os manteve trabalhando, século após século, na mesma linha, até que, finalmente, o objetivo foi alcançado, era mais do que humano. Paulo nos diz que seu autor foi Satanás.

Uma grande apostasia deveria preceder a ascensão do Anticristo. Na verdade, o Homem do Pecado deveria sair dessa apostasia. Não fique perturbado ou alarmado, diz o apóstolo escrevendo aos tessalonicenses, como se o tempo fosse se esgotar e Cristo voltasse (2 Tessalonicenses 2:2-3): “isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição”. Não *uma* apostasia, mas, *a* apostasia, como é no grego original – alguma grande e notável apostasia: a Igreja deve passar por uma escuridão e sombra terrível antes que Cristo volte. Os profetas não falaram, obscuramente, daquele tempo mau. Era o peso da profecia de Daniel; foi repetido nas pinturas simbólicas de John. Paulo em seus outros escritos havia se referido a ele, retratando com breves, mas vívidos toques, as características essenciais do poder que, naquela época, lançaria sua sombra negra sobre o mundo.

Mal as primeiras perseguições cessaram, até que a queda começou. Jerônimo levanta o véu, no século IV, e revela um quadro verdadeiramente melancólico. Em vão buscamos a humildade, a simplicidade e a pureza da Igreja primitiva. O ouro refinado na fornalha de dez perseguições está escurecendo. A videira que Paulo plantou, em Roma, está sendo transformada na videira de Sodoma. Os pastores da igreja estão se tornando inflamados com o amor às riquezas e estão lutando uns com os outros pela preeminência. Roma, diariamente, vê seu bispo cavalgando em uma carruagem dourada, puxada por corcéis empinados. Seu clero mostra-se vestido com túnicas de seda. Os membros de seu rebanho aglomeram-se, alternadamente, na igreja e no teatro, e

partem com pressa indecente dos ritos supersticiosos realizados nos túmulos dos mártires aos jogos e esportes do circo. A apostasia está bem estabelecida. A corrupção cresce com o passar dos séculos. Ele se molda em sistema, constrói erro sobre erro e se autossustenta com suposições e falsidades. A organização na qual se consagra, necessária e naturalmente, encontra para si um chefe ou chefe. Agora, vem o Papa e a sua hierarquia. O Homem do Pecado apareceu.

Ele é visto saindo da terra de um cristianismo paganizado. Como o solo de onde nasceu, *ele é pagão, em essência, embora cristão em aparência*. Vários eventos notáveis o ajudaram a atingir sua estatura completa. Devemos indicar, alguns – não todos, pois é impossível escrever a história de treze séculos em um curto capítulo.

O primeiro evento que contribuiu e contribuiu essencialmente para o desenvolvimento do papado foi a remoção do imperador de Roma. Se César tivesse continuado a residir em sua antiga capital, ele teria, como a frase diz, sentado sobre o Papa, e esse aspirante a eclesiástico não poderia ter se tornado o poderoso potentado que a profecia havia predito. Mas, Constantino (334 d.C.) mudou-se para a nova Roma no Bósforo, deixando a velha capital do mundo para o bispo de Roma, que foi daí em diante o primeiro e mais influente personagem daquela cidade. Foi, então, provavelmente, que a ideia de fundar uma monarquia eclesiástica se apresentou a ele.

Ele havia caído herdeiro, pelo que deve ter parecido um acidente de sorte, da velha capital do mundo; ele era, além disso, possuidor da cadeira de Pedro, ou acreditava ser assim; e fora dessas duas (velha cidade dos Césares e a velha cadeira do apóstolo, pode até ser possível), que, então, sem dúvida, ele raciocinou: fabricar um império que um dia rivalizaria e até mesmo sobrepujaria o dos imperadores. Poder-se-ia ter pensado de antemão que estes eram apenas materiais delgados para suportar o peso de tão grande empreendimento; no entanto, com a ajuda deles, e auxiliado, sem dúvida, por mais profundo aquele mero conselho humano, ele projetou uma soberania que não teve sua igual, na terra, que sobreviveu à queda do Império Romano, que viveu todas as convulsões e reviravoltas da Idade Média, e que chegou até nossos dias, e tem a arte, quando os homens acreditam que está prestes a expirar, de reunir seus poderes e voltar ao mundo.

Além disso, mais ou menos, nessa época, a igualdade que reinava entre os pastores da igreja na era primitiva foi quebrada. Os bispos reivindicaram superioridade sobre os presbíteros. E não havia igualdade nem mesmo entre os próprios bispos. Eles tomaram precedência, não de acordo com seu conhecimento, ou seus talentos, ou sua piedade, mas de acordo com a posição da cidade em que sua sé foi colocada. Finalmente, uma nova e mais elevada ordem surgiu sobrepujando o episcopado. A cristandade foi dividida em cinco grandes patriarcados: Roma, Constantinopla, Antioquia, Alexandria e Jerusalém. Estas foram as cinco grandes cidades do império, e seus bispos foram constituídos os cinco grandes príncipes da igreja.

Agora, veio a questão importante, por um tempo, tão agudamente, agitada: Qual dos cinco será o primeiro? Constantinopla reivindicou esta honra para seu patriarca, alegando que era a residência do imperador. Antioquia, Alexandria e Jerusalém apresentaram suas reivindicações, mas sem efeito. Constantinopla encontrou, no entanto, um rival poderoso na cidade velha nas margens do Tibre. Roma fora a cabeça do mundo, o trono dos césares; ao seu redor ainda havia o halo de mil vitórias, e isso lhe deu uma influência misteriosa sobre a imaginação dos homens, que começaram a ver em seu bispo o primeiro [principal] eclesiástico do mundo cristão. O sufrágio popular se pronunciou a favor do bispo romano antes que sua patente recebesse a ratificação

imperial. Ele foi empossado como o primeiro dos cinco patriarcas em 606 d.C. O imperador Focas, descontente com o bispo de Constantinopla, que havia condenado o assassinato de Maurício, pelo qual Focas abriu seu caminho para a dignidade imperial, fez Bonifácio III, bispo universal. O édito imperial, no entanto, deu ao bispo romano, apenas, a precedência entre os cinco patriarcas; não deu a ele nenhum poder ou jurisdição sobre eles.

A mera classificação que os bispos de Roma consideravam, apenas, uma honra vazia. O que eles ambicionavam era um poder substancial. Sua política foi, agora, moldada com a visão de reduzir todo o clero da igreja à obediência à cadeira romana e exaltar os papas à soberania suprema e absoluta. Séculos se passaram, no decurso dos quais, com a ajuda de muitos artifícios, e sob a cobertura de muitos pretextos, os bispos romanos, lentamente, estendiam seu poder sobre o Ocidente. As trevas que acompanharam a descida das nações góticas favoreceram em alto grau seu projeto. Mercadorias ruins, diz Puffendorf, em seu *Introdução à História da Europa*, são melhor vendidos no escuro ou, pelo menos, com pouca luz.

Algumas das mercadorias vendidas, nesses tempos sombrios, foram, suficientemente, notáveis. De muitos, damos, apenas, dois exemplos. O imperador Constantino, por sua última vontade e testamento, legou a Silvester, bispo de Roma, todo o Império Ocidental, incluindo palácio, regalia e todos os pertences do senhor do mundo. Um belo dote, em verdade, para o pobre pescador. Então, veio outra sorte inesperada para o papado, na forma dos decretos de Isidoro. Este último mostrou à igreja, para sua igual surpresa e deleite, que seus papas de Pedro para baixo haviam mantido o mesmo estado, vivido na mesma magnificência e promulgado sua vontade pontifícia em resumos, editais e bulas no mesmo estilo autoritário e senhorial, como os grandes papas da Idade Média.

Ambos os documentos, é desnecessário dizer, eram pura falsificação. Eles são reconhecidos pelos romanistas como assim. Eles não poderiam ter resistido a um exame minucioso em uma era iluminada. Mas, eles foram aceitos como genuínos na escuridão dos tempos que os originaram, e vastas conclusões foram fundamentadas neles. As fabricações de Isidoro foram feitas subtrações do direito canônico, e esse estupendo tecido legislativo ainda é mantido como de autoridade divina, apesar de agora ser reconhecido como fundado em uma falsificação.

As nações do norte chegaram ao sul da Europa, no quinto século e nos séculos seguintes, ignorantes do cristianismo. Essa foi outra causa que favoreceu o avanço do Homem do Pecado. Essas nações, ao chegarem à Itália, viram um grande potentado espiritual sentado na cadeira de César. Disse-lhes que era o sucessor do Apóstolo Pedro, a quem Cristo constituíra seu Vigário na terra, com o poder de transmitir todas as suas prerrogativas, espirituais e temporais, aos seus sucessores no cargo. *Este foi o único “Evangelho” que o Papa pregou às tribos bárbaras.* Eles não tinham como testar a legitimidade dessas poderosas reivindicações. No próprio Papa, eles não reconheceram nenhuma semelhança muito distante com seu próprio *arquidrúida*; os ritos dos templos romanos não eram diferentes da adoração que eles praticavam em seus lares pagãos; eles tinham acesso fácil à fonte batismal, suas crenças e maneiras pagãs não constituíam impedimento; nação após nação entrou no domínio romano, os francos liderando o caminho e ganhando para si o título de filho mais velho da Igreja. As nações góticas encontraram, no Papa, diante de cuja cadeira, agora, se curvaram, um Pai espiritual comum. Assim, foi realizado outro estágio notável no desenvolvimento do papado.

Com sua dignidade reforçada por esta vasta adesão de novos súditos, o Papa se pôs a fortalecer

seu poder dentro da Igreja completando a sujeição e vassalagem do clero. Ele não deixou escapar nenhuma oportunidade que se oferecia para atingir esse fim. Desde o século V, os bispos que viviam neste lado dos Alpes costumavam ir a Roma para visitar os sepulcros dos Apóstolos Pedro e Paulo. Esta viagem era voluntária, sendo empreendida para gratificar os sentimentos devotos ou supersticiosos do devoto excursionista. Em pouco tempo, tornou-se obrigatório, e aqueles que não se apresentaram no limiar apostólico foram submetidos à repreensão, como mornos em sua devoção à Santa Cátedra. Em seguida, foi interpretado no sentido de que os bispos itinerantes haviam buscado confirmação em Roma, e que todos os bispos deveriam ir para lá para esse fim. Assim, houve outra ascensão de prerrogativa e dignidade à cadeira papal.

Além disso, era uma prática comum das igrejas e bispos pedir o conselho da Igreja Romana em questões de consequência e dificuldade, ou almejar a interpretação correta de determinados cânones. Quando eles, em Roma, perceberam que seu conselho foi tomado como uma decisão, eles começaram a enviar seus decretos antes de serem exigidos, sob o pretexto de que Roma, sendo a primeira Sé do mundo cristão, seu bispo deveria cuidar para que os cânones e as leis eclesiásticas fossem, devidamente, guardados. Daí outra usurpação das liberdades das igrejas e pastores, e outra ascensão à dignidade e jurisdição papais.

E, além disso, quando surgiram diferenças ou disputas entre bispo e bispo, ou entre igreja e igreja, nada mais natural do que as partes em desacordo solicitarem a mediação do bispo de Roma. O papa de boa vontade assumiu a tarefa de redigir suas contendas, mas o preço que cobrou foi uma rendição ainda maior das liberdades da Igreja. Ele, então, aproveitou a ocasião para assumir o cargo de juiz e representar sua cadeira como um tribunal ao qual ele tinha o direito de convocar as partes. Às vezes, ele entrava entre o Metropolitano e sua diocesana e, por um pretexto ou outro, depunha o último, para o despertar da jurisdição do primeiro. Além disso, às vezes, acontecia que as partes que haviam sido condenadas nos tribunais provinciais eram encorajadas a apelo a Roma, onde a causa foi repetida e a sentença provincial, pode ser, revogada. Por meio desses passos furtivos e persistentes, o papa conseguiu se manter na ascensão.

Seguiram-se outros dispositivos mais engenhosos, todos para o mesmo fim. Entre eles estava a mortalha da consagração. A mortalha foi enviada a todos os bispos pelo Papa, a princípio como um presente. Em seguida, foi representado como indispensável, e, sem ele, nenhum bispo poderia exercer as funções de seu cargo. Assim, um novo domínio foi obtido sobre o clero e um novo método inventado para reabastecer os cofres papais; um alto preço foi colocado neste místico artigo de vestuário, que foi tecido com a lã dos cordeiros de Santa Inês.

Para o mesmo fim foram impostos *annats*.^[15] Esta foi a quantia paga pelos bispos quando mudaram de uma sede para outra, prática permitida pelo Papa por causa do lucro que lhe trouxe. A multiplicação de monges e frades tendia para o mesmo fim. O Papa convocou à existência o corpo do clero regular para jogá-los contra o exército dos seculares. Ele agiu de acordo com a máxima, dividir para/e conquistar. Os monges eram um controle sobre os bispos; eles assistiram seus procedimentos e levaram seu relatório a Roma. Eles haviam adquirido uma vasta reputação de santidade, e a direção das consciências, por meio do confessor, estava, principalmente, em suas mãos. Eles haviam descoberto o segredo de acumular riquezas pelas artes da mendicância. Eles enxamearam a Europa e foram, inteiramente, devotados aos interesses da sé papal; e se algum bispo se opôs ao Papa, eles levantaram tal clamor contra ele que, rapidamente,

o convenceu de que não tinha alternativa senão a submissão.

Principalmente o monge inglês Winfrid, que mudou seu nome para Bonifácio, ampliou o domínio papal. Este homem é comumente, mas, erroneamente, creditado como a primeira cristianização da Alemanha. Investido com a autoridade do legado do papa, ele atravessou os países a leste do Reno, arrancando escolas e igrejas da fé evangélica que haviam sido, numerosamente, plantadas naquela região da Europa pelos missionários Culdee das nações irlandesa e escocesa, substituindo em sua sala mosteiros e catedrais romanas. Este foi o trabalho de Bonifácio; uma obra que agrada bem a Roma, na medida em que amplia, grandemente, os limites do domínio pontífices.

Entre os eventos dessas épocas desastrosas, contribuindo para o crescimento do poder papal, não menos influentes foram as Cruzadas. Eles evocaram uma grande explosão de entusiasmo em torno da cadeira papal. Eles colocam reis poderosos, vastos tesouros e incontáveis soldados a serviço do papa. Ele tomou, para sua própria administração, as propriedades daqueles que foram lutar pela recuperação da Terra Santa; isentando seus proprietários da jurisdição do poder civil em ambas as causas civis e criminais. Quando a fúria das Cruzadas acabou, foi descoberto que o espírito dos príncipes foi quebrado, seus recursos secaram, seus reinos empobrecidos pela perda de seus súditos, e a única instituição que havia lucrado com o frenesi foi o Papado, que, agora, todos os outros interesses abatidos, se erguiam com maior grandeza do que nunca. Nem foi esse o fim da questão. A fúria fanática que encontrou sua primeira descarga temerosa nas planícies da Síria foi desviada de volta para a terra de onde viera, e lá se desabafou sem se exaurir naquelas perseguições e guerras sangrentas contra os hereges, que grassam por séculos na cristandade.

CAPÍTULO VIII

O REI COM AS TRÊS COROAS – O VIGÁRIO

As Cruzadas nos levaram ao século XIII. Devemos voltar aos séculos oitavo e nono, e notar certas mudanças políticas que ocorreram, nessas épocas, que contribuíram com ajuda material para o papado no cumprimento de seu destino.

O objetivo profundo do Papa era plantar sua cadeira em um lugar onde ele não devesse sujeição a nenhum poder civil. Ele desejava ter um país próprio, que pudesse ser suficiente para manter sua grandeza, e de onde ele deveria reinar como um rei temporal, bem como um soberano espiritual. Para um negócio como este, muito tempo e mão de obra foram necessários. O projeto era, manifestamente, inatingível enquanto um imperador reinasse no Ocidente ou a monarquia gótica subsistisse na Itália. Porém, é estranho dizer que os eventos conspiraram para tornar vazio um lugar onde o Papa pudesse estabelecer sua soberania espiritual e temporal combinada – por tanto tempo seu objetivo [foi] acalentado, mas não confessado. O primeiro passo foi a derrubada do poder gótico, na Itália, por Justiniano. Itália e Roma tornaram-se, agora, uma província do Império Oriental. A jurisdição do imperador ausente era doravante sombria e fraca; mas, mesmo essa ligeira restrição, foi suportada com impaciência, e o Papa Gregório II começou a planejar como se livrar dele completamente. O conflito entre as Igrejas Oriental e Ocidental sobre o tema da adoração de imagens era, então, violento. Os romanos, zelosamente, mantiveram a causa das imagens. O imperador e a Igreja Oriental foram colocados em oposição. O Papa Gregório instigou os romanos a recusarem o tributo ao imperador. A revolta foi um sucesso; o representante imperial, em Ravena, foi morto e os últimos vestígios da jurisdição do imperador sobre Roma e Itália foram aniquilados. (É digno de nota, aliás, que os romanos, por sua revolta contra seu legítimo imperador, colocaram seus pescoços sob um jugo que continuou a atormentá-los por doze séculos. Eles não conseguiram quebrá-lo até 1870).

O papa, agora, estava à vista de uma soberania temporal independente, mas ainda não a havia alcançado plenamente. Notícias do norte o preocupavam. Os longobardos haviam cruzado os Alpes e já estavam em Ravenna. Não havia poder na artilharia espiritual para deter o avanço vitorioso desses guerreiros resistentes. Em sua extremidade, o Papa Zacarias voltou seus olhos para Pepin, que, de Grande Marechal, tornou-se Rei da França. O Papa não suplicou em vão. Pepin I e seu filho Carlos Magno em seguida (774) conquistaram os longobardos e dotou a cadeira papal de todas as cidades e terras da Itália que estavam sujeitas à jurisdição dos governantes gregos. O papa era, agora, um monarca coroado.

Esta foi a terceira intervenção armada em nome do Papa e a terceira potência gótica que havia caído antes dele. Em primeiro lugar, os vândalos se estabeleceram na diocese própria do Papa, ocupando seu domínio predestinado e impedindo seu desenvolvimento predestinado. Os braços de Justiniano sob seu general Belisarius, varreu-os. Em segundo lugar, os ostrogodos se plantaram na Itália e sua vizinhança intimidou o papa e impediu sua expansão. Eles, também, foram arrancados pelos braços de Justiniano. Por último vieram, como já dissemos, os Longobardos, avançando para os portões de Roma. A espada da França os repeliu. Assim, foi mantido um campo claro no qual o Papa poderia desenvolver sua soberania espiritual e temporal; e assim foi cumprido o que Daniel (Daniel 7.8) havia predito que dos dez chifres, ou dinastias da Europa Moderna, três deveriam ser arrancados antes do chifre pequeno, isto é, o papado. Seus

reinos e coroas foram dados ao Papa, e é provável que fosse em memória de eventos esses que se tornou costume do Papa, nos séculos seguintes, se vestir com uma tiara. O pastor do Tibre se tornou um monarca com uma coroa tripla.

O Papa, agora, estava satisfeito? Ele sentou-se entre os príncipes e reis da terra como seus iguais. Porém, ser, simplesmente, igual a eles, ele considerava uma afronta ao seu cargo sobre-humano como vice-gerente de Deus. Ele aspirava plantar seu trono entre as estrelas, e daí olhar para todas as dignidades e príncipes da terra. E a essa altura deslumbrante ele, finalmente, subiu.

Surgiu, no século XI, um Papa de vasta capacidade, de resolução inflexível e orgulho imponente, Gregório VII (Hildebrand). Ele expôs ao mundo, com precisão, ousadia e força argumentativa, nunca, até então, trazida em seu apoio, a pretensão de ser o Vigário de Cristo. Esta foi a pedra fundamental sobre a qual ele apoiou seu esquema de jurisdição pontifical e grandeza. Como Vigário de Cristo, ele afirmava superar todos os monarcas terrestres em glória e poder, tanto quanto o sol supera a lua em brilho. Ele afirmou, em resumo, ser Deus na terra. Seguiu-se uma série de papas que lutaram por dois séculos terríveis de guerra e derramamento de sangue para converter a teoria de Gregório em realidade. A luta acabou com sucesso: a mitra triunfou sobre o império. O esquema de Gregório VII, em toda a sua amplitude de jurisdição e magnificência – e, podemos acrescentar, em toda a sua amplitude de despotismo e blasfêmia – foi exibida ao mundo na pessoa e no reinado de Inocêncio III, no século XIII. A história do mundo não mostra outra conquista de igual magnitude. A glória dos Faraós; o estado e poder dos Reis da Babilônia; as vitórias e magnificência dos Césares, tudo pálido antes desta grande conquista dos Papas. Agora, havia chegado “o meio-dia” do papado. Todavia, como observamos, em outro lugar, o meio-dia do papado era “a meia-noite” do mundo.

A carreira de Cristo e do Anticristo terminaria em um trono; embora cada um devesse alcançar sua elevação destinada por uma estrada muito diferente. Só quando os encontrarmos em seus respectivos tronos veremos o paralelismo aperfeiçoado e completado. Devemos reservar isso para um capítulo subsequente. Enquanto isso, perseguimos o paralelismo por meio de suas sucessivas etapas preparatórias, até atingir esse grande clímax.

CAPÍTULO IX

O TODO-PODER DE CRISTO E DO ANTICRISTO

Avançamos para outro ponto no paralelismo entre Cristo e o Anticristo. Nós o encontramos nos pretensos milagres pelos quais o papado procurou persuadir o mundo de que não era o adversário, mas o amigo de Cristo. Essa pretensão de milagres constituiria uma característica proeminente demais no vindouro Anticristo para ser deixada de fora no grande retrato que Paulo fez dele. Cujá vinda é segundo a maneira de Satanás, diz o apóstolo, falando pelo Espírito (2 Tessalonicenses 2:9), com todo o poder e sinais e prodígios de mentira.

A característica essencial do anticristianismo, já dissemos, é a suposição de um caráter, exatamente, o oposto de seu verdadeiro caráter. Seria um minar secreto do Cristianismo sob a exibição de ser o próprio Cristianismo; uma guerra mortal travada contra Cristo, sob a ousada afirmação de que ele mesmo é o Cristo. Isso exigiu, por parte do papado, um estudo profundo da missão, do caráter e da vida de Cristo, a fim de tornar sua imitação a mais próxima e perfeita possível; e, assim, afastar o mundo dEle e depois de si mesmo. Não deve ser uma semelhança vaga e sombria, rastreável em apenas alguns pontos. Se o mundo deve ser enganado, a falsificação deve ser executada com habilidade – a obra de um grande mestre – e deve ser, consistentemente, sustentada por toda parte. O paganismo antigo não era uma falsificação imperfeita ou desprezível da adoração divinamente designada em Jerusalém. O paganismo antigo, entretanto, foi apenas uma primeira tentativa; e estava longe de ter exaurido a engenhosidade e os recursos de seu autor. Sua sutileza e habilidade deveriam ser postas em funcionamento uma segunda vez; e o resultado seria uma contrafação perfeita e acabada – uma obra-prima.

“Cujá vinda é após a operação de Satanás” [2 Tessalonicenses 2.9, versão do autor]. As duas vindas, aqui, contrastadas – dizemos contrastadas, pois o paralelismo está, apenas, na superfície, embaixo, tudo é contraste e contrariedade – são a vinda de Deus na missão de Seu Filho, e a vinda de Satanás na missão do Anticristo. Deus é o autor da verdade; e a maneira de Sua vinda é pela propagação de grandes verdades que dissipam as trevas ao redor da alma do homem e afastam do mundo a noite do erro. Satanás é o autor da falsidade; ele tem sido um enganador desde o início; ele vem na propagação de enganos, chicanas, mentiras, erros e ilusões que, cegando a mente, apenas, preparam os homens para serem mergulhados em erros e ilusões ainda maiores.

“Com todo o poder”. Vamos observar como o Anticristo deve ser semelhante a Cristo, no particular, que acabamos de mencionar todo o poder. O Anticristo viria assumindo o poder, um ar de majestade, como se dissesse: “Eu sou o Filho do Altíssimo”. Seu olhar, quão elevado! Suas palavras são fortes! Daniel, também, nas visões noturnas, o contemplou. “Ele se engrandecia muito”, diz Daniel, “para o sul e para o oriente, e para a terra formosa” [Daniel 8.8, versão do autor]. Ele estava diante do profeta, seus pés plantados na terra, sua cabeça entre as estrelas, reivindicando o domínio sobre os dois mundos. “Cresceu até atingir o exército dos céus; e a alguns do exército e das estrelas no chão lançou por terra e os pisou” (Daniel 8.10, ARA).

“Todo o poder”, disse Cristo aos Seus discípulos, “me é dado no céu e na terra”. Este poder foi o presente eterno do Pai ao Filho como Mediador. Esse poder Ele exerceu desde o primeiro momento em que entrou em Sua obra de mediação. Embora o velasse durante os dias de Sua

humilhação na terra, esse poder estava nEle, e, às vezes, se manifestava em algum ato estupendo. Os elementos da natureza eram obedientes a Ele, assim também, o eram os espíritos das trevas e, não menos, os anjos do céu. Se fosse necessário, Ele teria, apenas, que orar a Seu Pai e os esquadrões celestiais teriam se apressado em Seu auxílio. Satanás poderia reunir o suficiente de antigas profecias e canções para mostrar a ele que tal poder seria o atributo do Messias. Eu o farei, meu primogênito, mais alto que os reis da terra. Então, cantou Davi. Ele dominará, também, de mar a mar, e desde o rio até os confins da terra. Os reis de Tárzis e das ilhas trarão presentes; os reis de Sabá e Seba oferecerão presentes. Sim, todos os reis cairão diante dele; todas as nações o servirão [provável alusão ao Salmo 72]. Tal foi a glória que o Messias vindouro lançou diante dEle, em profecia, séculos antes de Sua vinda. Satanás precisa enviar seu falso Messias com os símbolos e atributos fictícios de um poder semelhante.

O Anticristo, também, lançou sua sombra diante dele em profecia antes de sua vinda real como o chefe tríplice coroado do papado. Daniel tinha visto seu dia longe. Como ele, contemplamos e falamos dele que já vimos. Com alguns traços gráficos, ele pinta toda a história do papado. Ele o rastreia desde seus primórdios insignificantes até atingir sua altura surpreendente e portentosa. Vemos o primeiro surgimento do chifre pequeno. Vemos César desocupar seu assento; vemos o Vandalo, o Ostrogodo e o Longobardo arrancados diante dele. Nós o vemos surgindo aos trancos e barrancos, e, agora, sua cabeça está entre as estrelas. Vemos seus olhares robustos, ouvimos suas grandes palavras e testemunhamos com temor que beira o terror seus atos truculentos. Ele pisa em tronos; ele enraíza nações, ele arranca as estrelas de suas órbitas; enfim, ele morre com todo o seu prazer, e não há ninguém que possa resistir ao seu poder, ou dizer a ele: O que você faz?

João teve uma visão mais próxima do Anticristo nas visões de Patmos. Ele, também, como Daniel, é atingido por seu poder poderoso e, aparentemente, irresistível, e torna esse atributo proeminente em seu retrato sobre ele. João conhecia a vasta prerrogativa dos imperadores romanos. Porém, aqui, estava uma medida de poder que ultrapassava a dos antigos senhores do mundo, e que parecia, ao apóstolo, mais que humana. Na verdade, ele o chama, expressamente, de presente do dragão. O dragão deu a ele seu poder. O que o dragão deu ao Anticristo não foi o poder do antigo Império Romano, mas o seu próprio – isto é, o poder do dragão. “E eles adoraram o dragão que deu poder à besta” – isto é, a monarquia temporal e espiritual que forma o papado. E adoraram a besta, dizendo: “Quem é semelhante à besta? Quem pode fazer guerra com ele? E foi-lhe dado poder sobre todas as tribos, línguas e nações” (Apocalipse 13.2, 4, 7).

Em Sua oração intercessória, encontramos Cristo dizendo: “Pai, glorifica a Teu Filho, para que, também, Teu Filho Te glorifique. Assim como Lhe deste autoridade sobre toda carne, para que conceda a vida eterna a todos os que Lhe deste”. O poder, aqui, dito para ser dado ao Filho sobre toda a carne não era Seu poder como Deus. Isso não poderia ser dado a Ele, pois Ele o possuía inerentemente. Era Seu poder como Mediador, e o fim para o qual foi concedido é, especialmente, observado: que Ele desse a vida eterna a todos quantos Lhe deste (João 17.1-2).

Da mesma forma, o poder sobre todas as famílias, línguas e nações que o dragão deu ao representante que ele enviou ao mundo, foi um presente; e foi dado para um fim dracônico. E, conseqüentemente, tão logo este poder é conferido, que ouvimos um coro de adoração ascendendo ao dragão de todos os que habitam sobre a terra, cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro morto desde a fundação de o mundo (Apocalipse 13.8.); um contraste

óbvio com a companhia referida na oração de intercessão de nosso Senhor, “aqueles que me deste”. E, em seguida, ao acompanhar a adoração oferecida por aqueles que fizeram do dragão seu deus, há o rugido de blasfêmia que se ouve subindo e crescendo até o céu. Foi dada ao Anticristo uma boca, e a abertura de sua boca é como a abertura das portas da cova; daí resultam grandes coisas e blasfêmias. Ele abriu a boca em blasfêmia contra Deus, para blasfemar do Seu nome e do Seu tabernáculo e dos que habitam no céu. E a cena encontra um resultado adequado na proclamação da guerra contra os santos, que continua a ser travada durante todo o seu mandato de poder.

Sim, verdadeiramente, a profecia não comete erros. E a história não faz nada ao interpretá-lo. Aquele que tem entendimento pode ler as visões que foram vistas nas margens do rio de Ulai e na Ilha de Patmos, nos eventos que já passaram pela Europa. Vamos abrir o rolo da cristandade. Vamos examinar suas idades do quinto ao o século XV. No início, temos consciência de que olhamos, apenas, para o caos. A multidão de atores e o conflito de eventos distraem e confundem a mente. A Europa é um mar revolto no qual as velhas nações estão sendo engolfadas e novas raças bárbaras estão chegando para tomar seu lugar. Não podemos descobrir nem unidade nem progresso no drama; tudo é tumulto e escuridão. Vamos calar a boca. Mas fique – antes de guardá-lo, vamos examiná-lo, novamente, e, pode ser, encontraremos pegadas nessas grandes águas. A nuvem começa a se levantar e a ordem aparecer. O fermento nas mentes dos homens dá origem a um grande sistema, ainda sem forma ou nome. Os materiais de que este sistema, ainda não constituído, é composto, provêm de uma grande variedade de fontes. O paganismo antigo, a superstição druídica e escandinava, o rabinismo judaico e a filosofia oriental, todos contribuem com sua parte para isso. Uma Igreja corrupta organiza, combina e concatena esses elementos heterogêneos e, marcando-os com sua própria marca, os apresenta ao mundo como Cristianismo.

O novo culto deve ter celebrantes. Uma agência humana se reúne em torno dela, e essa agência gradualmente vem a ser resumida e incorporada em uma grande personalidade.

Vamos marcar este Colosso. Seu semblante cresce à medida que os séculos giram e, por fim, chega a olhar para nós, distinto, robusto e terrível; mas não é novo. Já vimos isso antes. É o mesmo que olhou para nós nas profecias de Daniel e João. É o mesmo que se mostra encarnado nos papas da Idade Média. Observemos quão completa e perfeita é a encarnação que temos dele em Inocêncio III, em quem o papado atingiu seu pleno crescimento e se mostrou ao mundo em toda sua magnificência e grandeza sobre-humanas.

Durante o terrível pontificado desse homem, todas as profecias faladas sobre o Anticristo foram verificadas em sua plenitude. Seu predito pico de arrogância, de blasfêmia e de dominação foi alcançado. Enquanto este poderoso Papa permanecia sobre ele, a cristandade ainda estava com medo. Os reis e nações feridos se encolheram sob ele. Ele era o vice-gerente de Deus e afirmava ser obedecido com a submissão instantânea e profunda que é devida ao Rei Eterno. Ele promulgou o dogma da transubstanciação; ele iniciou o ofício sagrado da inquisição; ele lançou as cruzadas contra a heresia e os hereges, e distribuiu seus raios de interdição e excomunhão por toda a cristandade, e além dela, esmagando todos e tudo que ousassem erguer o calcanhar contra o seu testamento pontifício. Se este não for o Anticristo, então, o Anticristo nunca poderemos ver; pois o que mais podemos ter de qualquer profecia do que um cumprimento completo e perfeito? E este é um cumprimento completo e perfeito da profecia do poder e orgulho do Anticristo.

O poder do Homem do Pecado virá, novamente, diante de nós mais adiante; entretanto, passamos para outro ponto do paralelismo.

CAPÍTULO X

SINAIS E MARAVILHAS DE CRISTO E DO ANTICRISTO

Esta era para ser uma característica notável do Anticristo, cuja vinda, diz o apóstolo (2 Tessalonicenses 2.9), está com sinais e maravilhas mentirosas. Essas palavras foram adequadas para fazer com que os primeiros cristãos voltassem a olhar para a profecia de Daniel, na qual fora predito o Anticristo que ele deveria praticar e prosperar (Daniel 8.12). A frase sugere imposição por artes ilusórias sobre os sentidos e compreensões dos homens, e, assim, ganhar ascendência sobre eles. De significado semelhante é a frase que ocorre mais adiante (v. 25), no mesmo capítulo, ele fará prosperar o engano com astúcia no seu empreendimento. Ainda mais claras, neste ponto, são as profecias de João, ainda não dadas, é verdade, mas que deveriam fechar o volume da inspiração e ser o guia dos cristãos na próxima era, em sua perspectiva do Anticristo. A afirmação de fazer milagres é, aqui, apresentada como uma de suas marcas notáveis.

“Também opera grandes sinais”, diz João, falando da segunda besta ou organização eclesiástica do Anticristo, “de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens. 14 Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta” (Apocalipse 13.13-14). Isso está, totalmente, de acordo com Paulo, que já havia alertado a igreja primitiva – que o Anticristo faria sua aparição como um operador de milagres.

Vamos refletir como foi imperativo para o Anticristo que ele reivindicasse o poder de fazer milagres. Se ele tivesse vindo como um inimigo aberto, não teria necessidade de fingir tal poder. Mas, vindo como o substituto e vigário de Cristo, ele deve, necessariamente, neste como em outros pontos, imitar aquele cujo substituto e vigário ele professou ser.

A vinda de Cristo foi assinalada por poderosos sinais e maravilhas. A glória do milagre ilustrou cada passo de Seu progresso pelas cidades e vilas da Galileia e da Judéia. Os antigos profetas haviam realizado milagres, mas, em nenhum deles, foi vista a mesma abundância de poder miraculoso como em Cristo. Assim como a luz está nas estrelas, assim estava o poder nos profetas, mas, como a luz está no sol, também estava o poder em Cristo. Ao passar por entre as multidões de homens feridos, a virtude fluía dEle, e “tocar a orla de Sua veste” ou ouvir os acentos de Sua voz era para ser curado. A visão foi dada aos cegos, a audição aos surdos, a força foi infundida no membro atrofiado, a razão retomou seu papel no cérebro do maníaco, e o pulso no qual a febre latejava e queimava tornou-se calmo e frio com Sua palavra ou com Seu tocar. Até mesmo [sobre] a sepultura Ele possuía poder e abriu suas portas em obediência ao Seu chamado, e devolveu seu inquilino ao mundo dos vivos. Tais foram os sinais e maravilhas que anunciaram o advento e atestaram o messianismo de Jesus de Nazaré.

O papado, como o Vice-Cristo, tem, da mesma maneira, procurado anunciar seu advento e certificar sua missão pela realização de sinais e maravilhas. Raramente, há um milagre registrado do Filho de Deus que a Igreja de Roma não professa ter realizado. Ela finge ter aberto olhos cegos, ouvidos surdos, curado febres, enfermidades, paralisia, loucura, expulsado demônios, expulso a peste, detido os estragos da praga e feito coisas que eram demais tediosos de mencionar. Estendendo ainda mais a esfera de sua operação milagrosa, ela entrou nos reinos da

sepultura e mostrou que, ali, também, exerce o poder, fingindo dar vida aos mortos. Alguns de seus santos possuíam o dom dos milagres em um grau eminente, e suas vidas são um longo registro de prodígio e maravilha. Elas têm aqueles que secaram rios, caminharam sobre as ondas do mar e acalmaram as tempestades. Anjos desceram para ministrá-los, e estrelas sobrenaturais brilharam para guiá-los no escuro. Em suma, a Igreja de Roma afirma ter exercido o mesmo poder ilimitado, sobre o mundo visível e invisível, que Cristo fez, e tê-lo imitado em todas as coisas, exceto a mansidão de Seu espírito, a pureza de Sua doutrina e a santidade de sua vida.

O papado professa, também, operar maravilhas espirituais – aquelas mudanças divinas e salvadoras no coração e na alma do homem que o Cristianismo realiza, e que é prerrogativa do Cristianismo somente realizar. A Igreja de Roma professa, no batismo, regenerar a alma e mudar os destinos eternos dos batizados. Pela unção com óleo, ela enche os homens com o Espírito Santo; por seus sacramentos, ela os reabastece com graça; pela ordenação, ela constrói uma ponte sobre dezoito séculos e une o sacerdote a Pedro. Cinco palavras faladas no altar transformam o pão e o vinho no corpo e sangue de Cristo. Duas palavras proferidas, no efeito confessional, [dão] o perdão do penitente, e o *viático* garante ao homem, partindo em sua última viagem, que encontrará os portões do Paraíso abertos para lhe dar entrada entre os bem-aventurados. Estas são maravilhas poderosas. É, assim, que o falso Cristo travou a guerra contra o verdadeiro Cristo.

Mas um único termo é usado no qual, efetivamente, quebra o encanto e dissolve o poder dessas maravilhas sobre todos os que não estão, voluntariamente, sujeitos à sua ilusão. O mistério da iniquidade viria com prodígios de mentira; uma diferença mais essencial, que se torna evidente quem tem uma mente para não ser enganado para sua perda eterna.

Os milagres de Cristo foram feitos à luz do dia, na presença de milhares que poderiam peneirá-los e submetê-los a testes infalíveis e, que, tendo feito isso, foram forçados a concluir que ou o milagre era verdadeiro, ou seus sentidos eram falsos. Dos que os viram serem feitos, não poucos eram os amargos inimigos da pessoa que os criou, e teriam ficado contentes em descobrir que eram trapaceiros, e não tardaram em proclamar a impostura ao mundo. No entanto, esses milagres permaneceram sem contradição. Ninguém, em toda a nação dos judeus, se aventurou a negar a verdade de qualquer milagre de Jesus. O mais longe que a malevolência e a calúnia julgaram prudente ir foi insinuar que o milagre fora operado pelo poder satânico. A resposta à acusação feita no local, e há época, foi tão conclusiva quanto digna, e ainda não perdeu nada de sua força: “pode Satanás expulsar Satanás?”.

Mas deixe-nos observar quão diferente é com a outra classe de milagres, e como eles faltam naquela evidência indubitável que atesta a missão do Filho de Deus. Nenhum deles poderia sustentar sua reivindicação como um fato verdadeiro perante um tribunal de juízes imparciais e esclarecidos. Alguns desses milagres eram, evidentemente, trapaças para aqueles em cuja presença foram realizados. Ultimamente, muitas descobertas surpreendentes têm sido feitas sobre o mecanismo pelo qual esses milagres foram realizados. Muitas dessas maravilhas não foram publicadas para o mundo até algumas centenas de anos depois que se disse que foram realizadas. Seus trabalhadores parecem não ter ambições de viver a fama, visto que escondem sua luz debaixo do alqueire. E alguns desses milagres são tão infantis que é um insulto ao nosso entendimento nos pedir que acreditemos que Deus jamais interpôs Seu poder para realizar tais

atos. A profecia deu-lhes o nome certo antes de terminarem. Eles são maravilhas mentirosas.

A *Espiritual* performance da Igreja de Roma é, enfaticamente, maravilha mentirosa. A regeneração batismal é uma maravilha mentirosa, a graça sacramental é uma maravilha mentirosa, o poder sacerdotal é uma maravilha mentirosa, a absolvição do confessorário é uma maravilha mentirosa, a transubstanciação é a maior maravilha e a maior mentira de todas, e a extrema unção é a última e fatal mentira. Não há realidade por trás de nenhuma dessas coisas; e eles são ainda mais deploráveis por terem referência imediata ao mundo eterno, e que milhões partem para o mundo confiando, plenamente, nessas mentiras para a salvação.

Vamos marcar o paralelismo. É ao mesmo tempo um paralelo e um contraste. O Evangelho veio em meio ao esplendor de verdadeiros milagres que foram operados por Deus; e foram uma atestação divina da messianidade de Seu Filho. O papado veio em meio ao brilho turvo e ilusório de falsos milagres, que foram operados por Satanás, e que eram seu manual de sinais, dando testemunho de que o sistema em favor do qual eles foram feitos era o Mistério da Iniquidade.

CAPÍTULO XI

OS “SINAIS E MARAVILHAS” DO TERROR DO ANTICRISTO

Há outra classe de maravilhas que o papado professa fazer e que são de uma natureza não tão inocente e inofensiva como as enumeradas acima. Embora, igualmente, falsos, eles devem o terror que inspiraram e o sofrimento que infligiram à crença de que eram verdadeiros e reais. Falando do cordeiro de dois chifres como a besta da terra, João diz: “Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens” (Apocalipse 13.13).

A profecia encontrou um cumprimento notável nas interdições e excomunhões papais tão frequentes na Idade Média, e conhecidas, até mesmo, em nossos dias. Essas ebulições da vingança pontifícia, pretendia-se, eram fogo do céu: o fogo da ira de Deus que o Papa tinha poder de evocar e, com isso, queimar seus inimigos. As nações cegas acreditavam que, na voz do Papa, ouviam a voz de Deus; e que as fulminações do Vaticano eram os trovões e relâmpagos da ira divina. A excomunhão papal era mais terrível do que a invasão de milhares de homens armados. Quando lançado contra um reino, que desânimo, miséria e lamentos o espalharam. Todo o curso da vida foi interrompido instantaneamente.

As luzes foram apagadas no altar; as portas da Igreja foram fechadas; os sinos não seriam tocados; os casamentos eram celebrados no cemitério; e os mortos foram enterrados em valas. Os homens não ousavam se divertir, pois uma sensação de condenação pesava sobre seus espíritos. Esses éditos terríveis perseguiram os homens para o outro mundo; e as almas que chegavam do reino infeliz coberto pela maldição papal encontraram os portões do paraíso fechados e tiveram que vagar desamparados até que agradasse à divindade das sete colinas retirar sua sentença. Assim, o papado fez com que fogo descia de Deus do céu, e os homens, acreditando ser um fogo real, foram queimados por ele. Nos dias do rei John, a Inglaterra ficou sob interdição por mais de seis anos.

Para o mais poderoso soberano, até mesmo a excomunhão papal era um assunto terrível. Ele tremia e tremia em seu trono, pois seu exército não poderia lhe dar proteção; estava bem, de fato, se os soldados e súditos não se unissem para cumprir a ordem papal de expulsá-lo de seu reino, se algum monge fanático, pelo despacho mais rápido da adaga, não os salvasse do problema. A história europeia fornece uma lista de mais de sessenta e quatro imperadores e reis depostos pelos papas. No número está Henrique II, da Inglaterra, deposto por Alexandre III; Rei João, por Inocêncio III; Ricardo e Eduardo, por Bonifácio IX; Henrique VIII, por Clemente VII e, novamente, por Paulo III; Elizabeth, por Pio V; e até o rei Robert, o Bruce, teve essa terrível maldição lançada contra ele. Porém, graças ao elemento Culdee,^[16] ainda forte na Escócia, o rei Robert e seus súditos mantiveram a fulminação do Papa, mas um *Brutum Fulmen*; e, assim, não os prejudicou. Quase todos os touros contra cabeças coroadas continham cláusulas privando-os de seus territórios e permitindo que seus reis vizinhos os invadissem e apreendessem; e influenciados, em parte, pelo desejo de servir ao Papa e, em parte, pela ganância do que não era deles, eles não demoraram a agir com a permissão papal.

Como um exemplo do estilo altivo dessas fulminações – a boca falando grandes coisas – damos a Bula da Excomunhão emitida por Sisto V (1585) contra o Rei de Navarra e o Príncipe de Conde, a quem ele chama de dois filhos de ira. É assim: “A autoridade dada a São Pedro e seus

sucessores, pelo imenso poder do Rei eterno, supera todo o poder dos príncipes terrenos: passa uma sentença descontrolada sobre todos eles, e se encontrar algum deles resistindo ao decreto de Deus, é necessária uma vingança mais severa sobre eles, derrubando-os de seu trono, por mais poderosos que sejam, e fazendo-os cair nas partes mais baixas da terra, como os ministros do aspirante a Lúcifer. Privamos eles e sua posteridade de seus domínios para sempre. Pela autoridade desses presentes, absolvemos e libertamos todas as pessoas de seu juramento de lealdade e de todos os deveres relativos ao domínio, fidelidade e obediência, e cobramos e proibimos todos de presumir obedecê-los, ou qualquer um de suas admoestações, leis ou ordens”.

Os próprios romanistas escolheram a própria figura do Apocalipse, fogo do céu, para designar as excomunhões e anátemas papais. Assim, é Gregório VII, que falou do imperador Henrique IV, quando excomungado, como atingido por um trovão (*Afflatum fulmino* – Danburg, 587). Para o mesmo efeito é o relato da excomunhão do Imperador Frederico, pelo Papa Inocêncio, no primeiro Concílio de Lyon. Estas palavras de excomunhão, proferidas no meio do concílio, atingiram os ouvintes com terror como faziam os *relâmpagos*. Quando com velas acesas e atiradas para baixo, o senhor Papa e seus prelados assistentes mostravam seus *relâmpagos*, terrivelmente, contra o imperador Frederico, agora, não sendo mais chamado de imperador, seus procuradores e amigos irromperam em um pranto amargo e bateram na coxa ou no peito naquele dia de ira, calamidade e angústia! (Harduin, vii. 401).

Foi nos dias de Gregório VII que os céus papais começaram, assim, a trovejar e clarear. A primeira explosão da tempestade continuou por quase duzentos anos, sua fúria caindo, principalmente, sobre reis rebeldes. Quando os reis foram subjugados, a tempestade foi dirigida contra a heresia e os hereges. Desde os dias de Inocêncio III até nossa própria revolução de 1688, houve, apenas, breves períodos de silêncio no firmamento pontifício. Por cinco séculos, esses trovões rolaram quase sem intervalo ou pausa, seguido de repique em rápida sucessão. As cruzadas dos albigenses e valdenses; as campanhas hussitas,^[17] na Boêmia; as guerras de Carlos V, na Alemanha; as guerras da Liga na França; os açougues de Alva, nos Países Baixos; a guerra de trinta anos, na pátria alemã; São Bartolomeu, na França; e o massacre, igualmente sangrento, dos protestantes irlandeses em 1641. Estas são, apenas, algumas das rajadas de trovões mais notáveis que marcaram o curso daquela longa tempestade de ira pontifícia que começou nos dias de Hildebrand, no século XI, e continuou suas terríveis reverberações até 1688.

No Grande Livro das Maldições de Roma, um dos mais notáveis é o *Bullum Coenae Domini*. É, realmente, uma declaração da boca que fala grandes coisas. Enquadrado desde a Reforma, ele amaldiçoa todas as várias formas da Igreja protestante, dando destaque especial aos calvinistas e zwinglianos. Seu escopo é muito amplo. O mundo e seus habitantes, até onde eram conhecidos pelos criadores deste touro, são conciosamente amaldiçoados nele. Seus trovões são ouvidos ecoando muito além dos limites da cristandade; e seus relâmpagos são vistos atingindo os piratas de mares bárbaros, bem como os calvinistas da Grã-Bretanha.

Esta bula costumava ser promulgada, anualmente, pelo Papa em pessoa, com a presença de um magnífico grupo de cardeais e padres. A cerimônia teve lugar na segunda-feira e na quinta-feira antes da Páscoa; e foi acompanhada por numerosas solenidades, destinadas a surpreender os espectadores. Ele foi lido no alto vestíbulo da Igreja de Latrão, em meio a disparos de canhões, o repicar de sinos, o toque de trombetas e o acender de tochas. Quando as maldições do touro foram trovejadas, as tochas foram apagadas e jogadas na grande praça abaixo, para representar a

escuridão externa na qual todos os hereges serão, finalmente, lançados. O papa Ganganelli, em 1770, proibiu a leitura pública da bula *Coenae Domini*, mas a prática foi logo revivida e ainda continua em Roma, embora não da mesma maneira pública. Porém, a interrupção de sua promulgação aberta não importa nada; não é repellido; todos os hereges são, *ipso facto*, sob sua proibição, e o estabelecimento da Hierarquia papal dá a todos os romanistas a força de lei no Reino Unido.

A ira papal pode se estender ou se contrair à vontade. Nada é tão elevado a ponto de estar fora de seu alcance e nada é tão minúsculo a ponto de estar abaixo dele. Pode desabafar em uma tempestade que cobre um reino inteiro e pode se concentrar em um único indivíduo.

Se for dito que a boca que falou essas grandes coisas no passado não daria voz a elas, agora, nem jamais falará tais coisas no futuro; em outras palavras, que a Igreja Romana e seus papas renunciaram a todas essas pretensões elevadas, e não mais desafiam a supremacia sobre reis e príncipes, devemos lembrar àqueles que fazem esta afirmação que o falecido Papa, Pio IX, em grande estado documento, ao qual o selo de infalibilidade foi anexado duas vezes, dá a esta afirmação a contradição mais distinta e explícita. No artigo vigésimo terceiro do *Syllabus*, Pio IX condena a proposição de que os Romanos Pontífices e os concílios ecumênicos tenham, em qualquer momento, excedido os limites de seu poder ou usurpado os direitos dos príncipes. Esta é uma justificativa *ex Cathedra* das reivindicações mais elevadas que já emanaram da cadeira papal, e as usurpações mais tirânicas já feitas por papas sobre as prerrogativas dos príncipes e as liberdades das nações. Com a história dos Papas diante dele, ele declara, solenemente, que nenhum deles jamais excedeu os limites de seu poder; ou como o Dr. G. F. von Schulte, Professor de Direito Canônico em Praga, resumindo o ensino de Direito Canônico sobre este ponto, coloca: “Os limites do todo-poderoso papa, na terra, consistem, unicamente, em sua própria vontade”. Podemos dizer com Shakespeare: “Aqui está uma boca grande, de fato que cospe morte e montanhas, rochas e mares”.

Essas características pertencem a toda a série de representações simbólicas do poder apóstata, nas Escrituras; e, assim, estabelecem uma identidade perfeita entre o chifre pequeno de Daniel, a besta de dois chifres, semelhante a um cordeiro do Apocalipse, o Homem do Pecado de Paulo e o Anticristo de João.

CAPÍTULO XII

O ENGANO TOTAL DA INJUSTIÇA

A vinda do Homem do Pecado seria com o engano total da injustiça – com acabada, aperfeiçoada e até que “o homem do pecado” aparecesse, habilidade sem paralelo.

Deixe-nos marcar a frase. É muito notável. Não é usado em nenhum outro lugar; é empregado para descrever nenhum outro sistema; descreve a grande apostasia, e somente ela. Não é, simplesmente, engano; nem é, simplesmente, injustiça – é o engano da injustiça; não, [na verdade] é o engano total da injustiça.

Habilidade e engano não eram coisas desconhecidas antes de o papado entrar no mundo. Padres e estadistas, em todas as épocas, lidaram, amplamente, com o engano. Mas, o engano peculiar a ela mesma é o engano da injustiça. Não apenas é uma habilidade mais sutil e mais definida do que qualquer outra com o qual o homem operou, em épocas anteriores; é uma habilidade de uma nova ordem. É um sistema de injustiça estabelecido de modo a parecer aquele sistema de justiça que Deus revelou para a salvação do mundo e, por consequência, aceito como tal por todos os que, não ensinados pelo Espírito Santo, são enganados e destruídos por esse sistema enganoso.

O paganismo era um sistema de engano. Era a adoração de um falso deus, sob o pretexto de ser a adoração do Deus verdadeiro. Mas, o papado é um engano em uma escala muito além do paganismo. Aquele era uma falsificação da religião do Evangelho. O papado, porém, tem um deus próprio – ele mesmo, a quem a lei canônica chama de Senhor nosso Deus. Tem um salvador próprio – a saber, a Igreja. Tem um sacrifício próprio – a Missa. Ele tem um mediador próprio – o sacerdócio. Tem um santificador próprio – o Sacramento. Ele tem uma justificação própria – a justiça infundida. Tem um perdão próprio – o perdão do confessionário; e tem, nos céus uma defensora infalível e prevacente, desconhecida do Evangelho – a Mãe de Deus. Assim, apresenta ao mundo um aparato espiritual e salvífico para a salvação dos homens, mas não santifica nem salva ninguém. Parece uma igreja; professa ter tudo o que uma igreja deve ter; e, ainda assim, não é uma igreja. É um grande engano; é “o engano total da injustiça”.

Há outro ponto, aqui, que merece atenção – relaciona-se com a arquitetura ou ordem da casa espiritual, a Igreja. O papado, desde a fundação até a pedra fundamental, imitou essa ordem. A pedra angular da Igreja do Evangelho é que “Cristo é o Filho de Deus”. Dessa raiz brota todo o Evangelho. É a rocha sobre a qual Cristo, dirigindo-se a Pedro, disse que edificaria Sua Igreja.

A pedra angular da Igreja papal é que o papa é o Vigário de Cristo. Dessa raiz surge todo o papado. Sobre essa rocha disse Bonifácio III, no século VII, e Gregório VII, com ênfase ainda maior no século XI, “edificarei minha igreja”.

E deixe-nos ainda observar que ambas as igrejas não se baseiam em uma *doutrina*, mas em uma *pessoa*. A Igreja de Deus repousa sobre uma pessoa, sim, Cristo. Ninguém é salvo, simplesmente, por crer em um sistema de verdade. A verdade é a luz que mostra ao pecador seu caminho até o Salvador. Ele está unido a Cristo por sua fé, que se apodera do Salvador, e pelo Espírito que vem habitar em seu coração. Portanto, ele é um membro do Corpo Espiritual. A Bíblia, ministros e ordenanças são os canais pelos quais a vida da Cabeça flui para os membros do corpo. Assim, eles são edificados como uma casa espiritual, um templo santo; edificados

sobre o fundamento de profetas e apóstolos, sendo o próprio Jesus Cristo a principal pedra angular.

Tudo isso é falsificado com muita habilidade na Igreja do Papa. É somente no caminho dos membros daquela Igreja, descansando em Pedro ou (o que é a mesma coisa) no Papa, que eles podem ser salvos. Os romanistas nos dizem que é essencial para a salvação de todo ser humano que ele esteja sujeito à autoridade do Papa. Pedro – isto é, o Papa – é o único reservatório de graça; dele flui através do grande canal de sucessão apostólica para todos os membros da Igreja, e, assim, eles são construídos uma casa espiritual – construída sobre a fundação de tradições, sacramentos, padres, bispos, cardeais, o próprio Papa como a pedra angular principal.

Além disso, toda a política e atos da Igreja Romana foram marcados por um engano inigualável por qualquer outra sociedade ou confederação conhecida na história. Seus papas foram a raça de governantes mais astutas que o mundo já viu. Que profundidade de astúcia e habilidade na Cúria Romana! Onde está o gabinete ou monarca que pode lidar com isso? Sua visão mais do que humana que Roma esconde sob o disfarce de falta de arte e simplicidade. Ela parece tão inocente e tão parecida com um cordeiro, que um estadista diz que não teremos dificuldade em resistir a diplomatas como esses. Só quando são enganados por eles é que abrem os olhos e começam a se perguntar onde está a força que os confundiu. Roma compra e vende estadistas em seu mercado; ela os usa como o arriero, seus animais de carga; e quando eles estão velhos e quebrados, e não podem mais fazer suas voltas, ela os arremessa dos lugares altos aos quais ela os havia exaltado, e deixa suas reputações mutiladas, como carcaças desagradáveis, na estrada da história, [para] que a posteridade possa ver como Roma recompensa aqueles que a servem. Estava escrito sobre ela: ela abateu muitos feridos; sim, muitos homens fortes foram mortos por ela.

Este vasto engano é uma das principais fontes da força da chamada Igreja de Roma. Ela tem a arte de alistar todas as reivindicações da virtude, e todas as sanções da lei, do lado daquilo em que a virtude é ultrajada e a lei violada. Onde seu propósito é o mais cruel, sua fala é sempre mais branda. Onde seu motivo é o mais vil, sua profissão é sempre a mais plausível. Ela sempre dá o nome mais sagrado à ação mais profana. Quando ela queima um herege, ela o chama de um ato de fé. Quando ela devasta uma província com fogo e espada, ela chama isso de uma cruzada – isto é, uma expedição evangelística. Sua câmara de tortura é denominada Santo Ofício. E quando ela depõe monarcas, despojando-os da coroa e do reino, e obrigando-os, como ela fez Henrique IV da Alemanha, ficar com os pés descalços em seus portões, em meio às reviravoltas do inverno, é com o faz de conta de um pai bondoso administrando castigo salutar a um filho errante. Em suma, a Igreja de Roma não apenas se transforma em anjo de luz, mas o próprio vício se transforma em virtude, revestindo o crime mais negro com o manto branco da inocência e cobrindo a mais suja iniquidade com os ares resplandcentes da santidade.

Quais são os sacramentos pelos quais ela professa encher os homens de graça? Quais são as massas pelas quais ela professa transmitir Cristo e sua salvação a eles? Quais são os crucifixos, rosários e amuletos com os quais ela fortalece os homens contra os ataques de Satanás e dos espíritos malignos? Quais são as indulgências com que ela abrevia os sofrimentos das almas no purgatório? Quais são os perdões com os quais ela manda os homens embora para o outro mundo? Quais são os votos de pobreza sob os quais ela nutre um orgulho o mais arrogante e uma avareza o mais insaciável? Quais são os votos de celibato sob os quais ela oculta uma lascívia desenfreada? Quais são as dispensas para ela liberar os homens das obrigações da lei moral e

professar anular juramentos, promessas e convênios? Acima de tudo, quais são sua lógica e sistema de ética pelos quais, como nas mãos de Ligouri, ela faz com que o vício e a virtude, a falsidade e a verdade mudem de lado, e mostra como alguém, se apenas direcionar corretamente sua intenção, pode cometer o mais monstruoso crime e ainda assim não contrai uma partícula de culpa? O que são essas coisas, perguntamos, exceto o engano da injustiça? Pois, certamente, os limites extremos do engano foram atingidos, aqui, e o próprio Enganador não pode ir mais longe. Ele produziu sua obra-prima.

CAPÍTULO XIII

O CULMINAR DO PARALELISMO – UMA ENTRONIZAÇÃO

Agora nos aproximamos do ponto onde o paralelismo culmina. Claro e distinto, como um pico alpino, aumenta o clímax em cada caso! Um está vestido com a pura glória espiritual do céu, o outro se apresenta nos falsos esplendores da terra. Quão próximas, aparentemente, estão essas duas culminações e, no entanto, quão incomensurável a distância entre elas!

Nem todos de uma vez ascendemos a estes elevados picos. Devemos permitir que o apóstolo nos conduza pelas várias etapas sucessivas que conduzem a eles; só assim podemos obter uma visão completa do paralelismo. E estar em condições de ver como isso é real e grandioso.

O apóstolo começa no estágio mais baixo da vasta ascensão. “E, agora, sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria. Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda” (2 Tessalonicenses 2.6-8). O tempo para a revelação do Anticristo – para o Anticristo ter seu apocalipse, assim como Cristo teve o dEle – ainda não havia chegado. O mistério da iniquidade já estava operando – operando na região dos princípios e influências, e trabalhando na região dos espíritos sedutores; mas enquanto isso, existia uma grande obstrução à sua revelação aberta. Paulo sugere, muito claramente, que os cristãos tessalonicenses sabiam o que era essa obstrução, e, portanto, ele não o nomeou. Ele os tinha visitado, algum tempo antes, e falado, livremente, com eles sobre a apostasia vindoura; mencionou [aquele] que primeiro deve ser removido antes que a apostasia pudesse ser livre para se desenvolver. Essa obstrução foi o Império Romano. Quando presente, conversando, livremente, com eles sobre o assunto, Paulo pode dizê-lo em termos expressos. Mas poderia ser perigoso nomear o Império Romano em uma epístola a ser lida, abertamente, e circular pelas igrejas. Isso pode atrair para os cristãos o descontentamento das autoridades romanas. O apóstolo conhecia o obstáculo no caminho do Anticristo, tendo aprendido, sem dúvida, pelo estudo de Daniel e a revelação do Espírito. Além disso, era conhecido pelos primeiros padres, que todos voltaram seus olhos para Roma como o local predestinado onde o sem lei se mostraria primeiro; mas falavam dele com a respiração suspensa e em frases indiretas.

Enquanto o Império Romano existiu, era impossível que o Anticristo aparecesse. César era *Pontifex Maximus*; e, enquanto ele tivesse a posse, não poderia haver dois sumos sacerdotes ocupando a mesma capital, compartilhando o mesmo trono e sacrificando nos mesmos altares. O primeiro e menor *Pontifex Maximus* deve ser removido antes que o segundo e maior possa se levantar. Isso aconteceria em pouco tempo. Deus removeria a barreira, trazendo as nações góticas para a Itália, derrubando o império e tornando vago o trono de César. Então, o Anticristo subirá até o assento vazio. “Deus expulsou os céсарes de Roma”, diz De Maistre, “para que Ele pudesse dar aos papas”.

Notemos a seguir que foi decretado tanto por Cristo quanto pelo Anticristo, que eles deveriam ocupar tronos – nenhum assento menor do que um real deve qualquer um deles ter. Cristo se sentará no trono de Davi, e o Anticristo se assentará no trono de César. Em consequência disso, uma sequência de providências precedeu o advento de cada um, cujo objetivo final era tornar vago o trono que deveriam ocupar respectivamente. Três revoluções na linha real de Judá

abririam caminho para Cristo, e quatro revoluções consecutivas na linha do poder mundial deveriam abrir o caminho para a vinda do Anticristo.

Jacó, em seu leito de morte, deu a sua posteridade um sinal do aparecimento instantâneo do Messias. Esse sinal foi um colapso final na linha real: “O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló” (Gênesis 49.10, versão do autor). Quando a hora se aproximou, Ezequiel deu o alarme de forma mais definitiva; avisando que o trono de Judá deveria cair uma vez, e uma segunda e uma terceira vez, e, então, se levantaria um Rei cujo domínio é um domínio eterno, que não passará. “Assim diz o SENHOR Deus: Tira o diadema e remove a coroa; o que é já não será o mesmo; será exaltado o humilde e abatido o soberbo. 27 Ruína! Ruína! A ruínas a reduzirei, e ela já não será, até que venha aquele a quem ela pertence de direito; a ele a darei” (Ezequiel 21.26-27). O trono de Judá foi derrubado, pela primeira vez, pela separação das Dez Tribos da casa de Davi. Foi derrubado uma segunda vez pela deportação da nação para a Babilônia. Foi derrubado, pela terceira e última vez, na subjugação da Judéia pelos romanos, que privaram os descendentes de Davi do domínio sombrio que eles tinham exercido até então. Veio, então, Cristo, de quem o anjo que anunciou Seu nascimento falou assim: “Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim” (Lucas 1.32-33.)

Na falsa igreja e no reino do Anticristo, o paralelismo, nesse ponto, é impressionante. O “homem do pecado” deveria, quando totalmente desenvolvido, ocupar o trono deste mundo. Este magnífico posto havia sido oferecido pelo Tentador ao verdadeiro Cristo: “Tudo isto [os reinos do mundo e a glória deles] te darei se, prostrado, me adorares” [Mateus 4.9]. A oferta foi, prontamente, recusada. O Tentador a seguir o dirigiu ao falso Cristo: “Transformarei sua cadeira em um trono”, disse ele ao bispo de Roma, “e seu cajado pastoral em um cetro real, se quiseres ser meu vassalo”. A oferta não obteve segunda recusa. A barganha foi fechada e, fielmente, cumprida em ambos os lados. A adoração estipulada foi prestada e os salários, integralmente, pagos. Como testemunho, citamos Inocêncio III, no século XIII. Não o ouvimos gabar-se de ter sido estabelecido sobre os reinos para construir e colher à sua vontade? E com que frequência encontramos a mesma reivindicação poderosa na boca de seus sucessores nos séculos seguintes? Não; mesmo em nossos dias, os ecos da mesma jactância orgulhosa são ouvidos da cadeira papal.

Demorou mil anos para preparar o caminho de ambos e sentar cada um em seu respectivo trono. O trono de Davi foi esvaziado, repetidamente, para que pudesse ser preenchido pelo Rei do Império Eterno. O trono da potência mundial foi da mesma forma esvaziado repetidas vezes, para que pudesse ser preenchido pelo rei de quem havia sido escrito: ele vai para a perdição. O trono da potência mundial foi derrubado, pela primeira vez, na queda da Babilônia; foi derrubado uma segunda vez na derrubada do Poder Medo-Persa. Foi derrubado, pela terceira vez, na extinção do Reino Grego; e foi derrubado, pela quarta e última vez, quando o Império Romano caiu diante dos Godos. Não havia mais um César em Roma. “Aguarda somente que”, disse o apóstolo, “seja afastado aquele que agora o detém”. Ele, agora, tinha sido tirado do caminho, e era chegada a hora de aquele Perverso ser revelado.

Observemos, aqui, que ambos os mistérios têm a mesma culminação – até mesmo uma entronização. O mistério da piedade, começando no berço, termina no trono – o trono do céu. O

mistério da iniquidade, começando nas operações silenciosas e ocultas dos primeiros tempos, termina no trono – o trono da terra.

Parece claro para nós, embora os expositores tenham ignorado, que as duas passagens (1 Timóteo 3.16 e 2 Tessalonicenses 2.3-12) – um descritivo do mistério da piedade e o outro descritivo do mistério da iniquidade – foram pretendidos pelo apóstolo, para ser, e são paralelos cláusula por cláusula. Cada cláusula em um lança sua luz sobre a cláusula correspondente no outro, e, assim, a profundidade e a altura de cada mistério são desenvolvidas. Uma simples olhada, nessas duas passagens, bastará para mostrar que é pelas mesmas gradações ascendentes que ascendemos ao clímax de ambos os mistérios. Vamos examinar cada um.

“E sem controvérsia, grande é o mistério da piedade: Deus foi manifestado na carne, justificado no Espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido na glória” (1 Timóteo 3.16, versão autor). É assim que o apóstolo, em um único versículo, com compreensão magistral, declara os passos sucessivos – toda aquela graduação magnífica, pela qual o mistério da piedade atingiu seu clímax poderoso.

- “Deus foi manifestado em carne” – “e ela [Maria] deu à luz o seu primogênito. Envolveu-o em panos e o colocou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria” [Lucas 2.7, NVI]. Lá estava o início do mistério. Este é o primeiro passo para a poderosa ascensão.
- “Justificado no espírito”. Como quando o Espírito desceu sobre Ele em uma forma visível em Seu batismo; e, novamente, quando Ele começou Seu ministério público, com todos os milagres e maravilhas que o acompanhavam, o “Espírito do Senhor Deus está sobre mim” [Lucas 4.18], foram as palavras com as quais, na sinagoga de Nazaré, Ele abriu seu primeiro sermão, pois “Ele ungiu-Me para pregar boas novas aos mansos” [Lucas 4.18].
- “Visto de anjos”. Como quando eles cantaram Seu hino de nascimento em Belém; e quando ministraram a Ele no deserto, após Sua tentação; e, novamente, em Sua agonia no jardim, quando apareceu um anjo do céu fortalecendo-O; e, na manhã de Sua ressurreição, quando dois deles esperaram em Seu sepulcro para dizer às mulheres que Ele havia ressuscitado.
- “Pregado aos gentios”. “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a todas as criaturas” [Mateus 28.18-19, versão do autor], foi Sua última incumbência aos apóstolos quando estava para subir do Monte das Oliveiras. Assim que o espírito foi dado no Pentecostes, seus apóstolos e evangelistas viajaram por toda a terra de Israel, e passando além dos limites dos judeus, pregaram o Evangelho nas cidades da Grécia e Roma; e continuando ainda mais em direção ao oeste, carregou a notícia da cruz até as costas da Grã-Bretanha.
- “Crido no mundo”. Assim se eleva a gradação, e assim o mistério da piedade avança até sua culminação. Os deuses do paganismo caem diante da pregação do Crucificado. Poderosas nações, tanto a leste quanto a oeste, tornaram-se obedientes à fé; o evangelho fez valer sua reivindicação de ser do céu pelos frutos abençoados que produziu em toda parte; e Jesus era considerado o verdadeiro Messias e Salvador do mundo.
- “Recebido na glória”. Esta é a etapa final; aqui, o mistério culmina. Podemos, agora, olhar ao longo de toda a linha de seu desenvolvimento, desde o berço no estábulo até os portões eternos que se erguem para que o Rei da Glória possa entrar e sentar-se no trono

do domínio universal e eterno, enquanto serafins e todas as criaturas que estão nos céus, na terra e debaixo da terra, estão no mar, e tudo o que está neles, são ouvidos dizendo: “Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos” (Apocalipse 5.13).

O mistério da iniquidade passou por uma gradação, precisamente, semelhante, para resultar em um clímax que é uma contrapartida óbvia e surpreendente do que acabamos de descrever. O mistério da iniquidade já opera. Nós, aqui, o vemos em seu berço. Foi justificado por Satanás, pelos sinais e maravilhas, mentirosos que ele permitiu que seus propagadores operassem. Foi publicado aos gentios por frades pregadores e monges itinerantes, que procuravam em todo o engano da injustiça persuadir os homens de que o Papa era o vigário de Deus e de que as tradições de sua Igreja eram o verdadeiro Evangelho. No mundo, acreditava-se naqueles cujos nomes não estão escritos no Livro da Vida. E, finalmente, foi recebido nos céus de domínio eclesiástico e glória imperial. Seu chefe, agora, era visto sentado no templo de Deus; mostrando a si mesmo que Ele é Deus, enquanto os reis e nações da terra são vistos se curvando diante dele, e atribuindo a Ele domínio, poder e glória. Eles adoraram a besta dizendo: “[...] Quem é semelhante à besta? Quem pode pelejar contra ela? Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias e autoridade para agir quarenta e dois meses; e abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu [...] e adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Apocalipse 13.4-8). O Papa no trono dos tronos na terra é a falsificação de Cristo no trono dos tronos no céu.

CAPÍTULO XIV

USURPAÇÃO DO ANTICRISTO SOBRE OS REIS E NAÇÕES

Montado no assento mais alto do mundo, como o Anticristo iria se rebaixar? Com uma arrogância nunca vista antes, com relação aos reis, ele deveria se considerar senhor deles; e com relação a Deus, ele deveria se considerar igual a Ele. “O qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus” (2 Tessalonicenses 2.4).

Essas palavras parecem prefigurar uma usurpação dupla por parte do Anticristo – a primeira, sobre todos os governantes terrestres, e, a segunda, sobre o grande governante do céu. O testemunho da história é claro em ambos os pontos. Isso mostra que a ambição do Papa foi dupla. Ele saltou sobre o trono dos reis para o assento de Deus.

Quem são aqueles que são chamados de deus, a quem o Anticristo deve se opor e sobre os quais ele deve se exaltar? Temos uma forte tendência a pensar que são magistrados e reis que se referem. A lei justa é a expressão da vontade de Deus. Aqueles que o administram são seus representantes. Na terra, eles ocupam o cargo e carregam a imagem do Supremo Magistrado. Assim, nas Escrituras, os magistrados são chamados de deuses. “Deus assiste na congregação divina; no meio dos deuses, estabelece o seu julgamento” (Salmo 82.1). Há, diz o apóstolo (1 Coríntios 8.5), que são chamados de deuses, seja no céu ou na terra. E recebemos o mandamento de estarmos sujeitos a reis e a todos os que têm autoridade, por causa da consciência. Diante disso, a cláusula prediz que o Anticristo usurparia a supremacia sobre toda autoridade civil e governaria a terra – esta é a verdadeira exegese da passagem.

No grego é todos chamados de *theos* que podemos traduzir assim, tudo o que é chamado de divino ou venerável. E, verdadeiramente, o papado cumpriu a profecia “ao pé da letra”. Como pretensa vice-regência divina e infalível, ele afirma ter, em suas mãos, a administração de todos os assuntos humanos, temporais e espirituais, e fazer todas as nações, magistrados e reis responsáveis em seu tribunal.

Deixe-nos, aqui, novamente marcar o paralelismo. Essa suposta vice-liderança sobre todos os assuntos humanos é outra parte da imitação feita pelo falso cristo do verdadeiro Cristo. Cristo possui esse poder, na realidade, portanto, o Anticristo deve possuí-lo na aparência. Deus, o Pai, é o governador imediato do universo, mas Ele continua Seu governo por meio de Deus o Filho. “O qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro. E pôs todas as coisas debaixo dos pés† e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas” (Efésios 1.20-23).

Essas palavras ensinam, expressamente, que o Pai fez de Cristo o cabeça da Igreja e, portanto, deu a Ele todo o poder espiritual e o cabeça do mundo à Igreja, e, assim, subordinou a Ele todo o poder temporal. A passagem, de fato, O apresenta sentado no trono do universo, em Sua cabeça o diadema de domínio ilimitado e eterno, em sua mão o cetro de um império sem limites; e a Sua ordem todos os principados e potestades do céu, todos os tronos, exércitos e potentados da terra, a fim de levar a cabo os grandes fins de Sua soberania mediadora.

Os papas foram fiéis ao seu caráter assumido como vice-cristos, neste ponto, também. Eles afirmavam ser os magistrados supremos do mundo. O Cardeal Belarmino afirma que todo título que é, nas Escrituras, dado a Cristo pertence, também, ao Papa. Vinculando em uma colossal jurisdição sobre coisas temporais e espirituais, o Papa estendeu seu cetro sobre todas as cadeiras da judicatura humana; e sentou-se com os pés no pescoço dos reis, assim como dos sacerdotes. Ele reivindicou como sua prerrogativa julgar a todos, mas não ser julgado por ninguém; fazer leis, mas não estar sujeito a nenhuma lei; assim, vindicando, inconscientemente, seu apelo profético o sem lei. Ele foi retratado segurando em uma das mãos as chaves da autoridade espiritual e, na outra, a espada do poder temporal. Ele ensinou que era apropriado que todos os príncipes beijassem seus pés; e extorquiou de muitos esse ato de obediência. Ele inculcou nos monarcas que a ortodoxia correta exige que eles mantenham seus reinos como feudos da cadeira papal; e, para manter viva neles esse estado de espírito piedoso, ele impôs a eles e a seus súditos o imposto de Pedro. Se ele ainda discernisse neles o aumento do orgulho, este “manso vigário de Cristo” arrancava o cetro de suas mãos, chutou sua coroa com seu pé pontifício e transferia seu domínio para algum vizinho mais devoto e desorganizado. Tudo isso ele fez como “estabelecido por Deus” sobre os reinos e nações para plantar e arrancar, para construir e destruir, para fazer e desfazer reis. Não é o rei da Inglaterra meu escravo? (Papa Bonifácio VIII, a Filipe, Rei da França) – foram palavras da “grande boca”.

E os papas se mostraram, ocasionalmente, tão poderosos em atos quanto em palavras. Gregório VII destronou Henrique IV da Alemanha. Inocêncio III, Oto e nosso Rei João. Paulo III, Henrique VIII. E Pio V e Gregório XIII, proferiram sentença de depoimento sobre a Rainha Elizabeth. Pio V, como ele [era o] único que tinha sido constituído príncipe sobre todas as nações e todos os reinos, para derrubar, destruir, dissipar, dispersar, plantar e construir... pronunciou a dita Elizabeth, “uma herege”... e a privou do pretense direito para o reino, bem como de todo domínio, dignidade e privilégio que seja, pronunciando o mesmo anátema sobre todos os que ousam obedecê-la. Se os anais do papado, nesta hora, não são ilustrados por esses atos solenes de justiça pontifícia, é porque falta o poder, e não o direito.

A Igreja Romana tornou o dever solene de todos os seus membros destruir todos os protestantes quando eles pudessem fazer isso sem perigo para si próprios. Bannes, um dominicano, determina que os católicos, na Inglaterra e na Saxônia, estão dispensados de se rebelar contra seus príncipes protestantes com seus súditos, porque eles, geralmente, não são poderosos o suficiente; e a tentativa em tais circunstâncias os exporia a grande perigo (In. II. 2; Thom. 9-12, art. ii). Belarmino, uma de suas maiores autoridades, é, igualmente, franco e explícito. Ele diz: “Se fosse possível extirpar os hereges, sem dúvida, eles seriam destruídos raiz e galho; mas se isso não pudesse ser feito, porque eles são mais fortes que nós, e há perigo de que se eles se oponham a nós que devemos ser derrotados, então, devemos ficar quietos” (De Laicis, lib.iii. Cap. 22). Os dois últimos papas, Pio IX e Léo XIII, em seus manifestos públicos, reivindicam o mesmo poder formidável. Mas eles, prudentemente, adiam seu exercício até a chegada de um dia mais feliz para o papado.

CAPÍTULO XV

O ANTICRISTO SE EXALTA ACIMA DE DEUS

Fazer dos reis terrenos seus vassalos e dos tronos terrenos seu escabelo estava muito aquém da ambição papal. Os papas firmaram os pés no trono do próprio Deus. Que a majestade de Roma deveria dar lugar ao Vice-Cristo era, apenas, uma questão pequena; a Majestade do céu deve descer de Seu assento para que o Papa possa subir nele. “Ele, como Deus”, diz o apóstolo, “está sentado no templo de Deus, mostrando-se que é Deus” [2 Tessalonicenses 2.4, versão do autor].

O Papa afirmou ser Deus *primeiro*, em palavras, *segundo*, em atos. Vamos ouvir as *palavras* que a “grande boca” falou; e, também, as que seus amigos falaram por ele.

Vamos marcar, primeiro, onde o Anticristo deve se sentar. Ele está sentado no templo de Deus. Este templo não pode ser o dos judeus no Monte Moriá, pois o apóstolo está falando de um ato que deveria ser realizado por alguém que não deveria aparecer até depois da queda do Império Romano – e mais, muito antes de o império cair, o templo dos judeus foi destruído por cinzas. Em Atos, o templo judaico é mencionado vinte e cinco vezes. Em todas essas passagens, a palavra usada é *ieron*, nunca *vaos*. O termo aqui usado pelo apóstolo é *vaos*. Igreja Cristã, como, também, Crisóstomo, Agostinho e Tomás de Aquino [usavam]. O nome *templo* é transportado para a Igreja Cristã, e, em inúmeros lugares no Novo Testamento, é usado para denotar, às vezes, um crente individual, e, às vezes, todo o corpo de cristãos professos. Escrevendo aos cristãos coríntios, Paulo diz: “Não sabeis que sois o *templo de Deus* (1 Coríntios 3.16). E, novamente, de forma coletiva, Jesus Cristo, a principal pedra angular, sobre quem todo o edifício, devidamente, enquadrado, cresce até um *templo sagrado* no *Senhor*. (Efésios 2.20).

Concluimos que o templo em que o Anticristo é visto assentado é a Igreja Cristã. Essa interpretação preserva a unidade da profecia de Paulo. O Anticristo ou homem do pecado seria o resultado e o cabeça da apostasia; mas a apostasia estava para surgir na Igreja Cristã, pois a apostasia era para ser, e só poderia ser, uma queda da fé cristã. O Anticristo, portanto, poderia sentar-se, isto é, estabelecer-se e exercer jurisdição, em nenhum [outro] lugar, a não ser na Igreja que professa ser cristã. Como Vice-Cristo, convinha que todas as suas características visíveis e todos os seus ambientes fossem, professadamente, cristãos e eclesiásticos.

Isso elimina, efetivamente, todas as teorias do Anticristo que o encontrariam em alguma confederação ateísta poderosa, ou em algum chefe político, magistral, ou outra personificação de iniquidade e tirania monstruosa ainda por surgir, e que, durante uma carreira breve (embora terrível), possa desolar o mundo. Em nenhum sentido se poderia dizer que tal poder se assentava no templo de Deus. Seria um poder fora do templo; e tão longe de aspirar a um cargo e dignidade no templo – isto é, na igreja. Tal poder deve, a partir de seus instintos e caráter, fazer guerra à igreja, sob a bandeira da hostilidade aberta, e com o grito de: Arrasai-a, arrasai-a.

Além disso, nenhum Anticristo de um homem só, ou Anticristo cujo reinado durará, apenas, três anos e meio, pode cumprir as condições da profecia de Paulo.

Como ele poderia saltar à existência, escalar a uma altura que o mortal nunca tinha alcançado antes, exibir suas maravilhas mentirosas e enganar o mundo inteiro, obrigar todas as suas nações

e reis a servi-lo, fazer guerra aos santos e vencê-los, e todos no breve período de três anos e meio? Embora a hoste anticristã tivesse saído da cova, totalmente, armada e reunida para a batalha, e tivesse se espalhado nas asas do dragão pelos quatro cantos da terra, eles, dificilmente, poderiam ter realizado tal façanha. O horrível a visitação teria passado demais antes que os homens soubessem que ela havia acontecido; e onde estaria a necessidade da fé e paciência dos santos ou do grito “até quando”? O Anticristo não poderia fazer sua primeira aparição plenamente crescido. Isso teria sido fatal para suas pretensões de Vice-Cristo. A primeira aparição do verdadeiro Cristo foi como um bebê na manjedoura, envolto em panos. Não diferente deve ser o início do Anticristo.

Ele estava trabalhando nos dias de Paulo; ele cresceu e se desenvolveu estágio por estágio e, com o passar do tempo, atingiu sua estatura completa e não seria destruído até a época futura da gloriosa vinda de Cristo. Os anos de sua vida deveriam ser contados em séculos; deviam ultrapassar em muito os dias da vida do homem; deviam preencher o período entre a época em que Paulo escreveu e o aparecimento de Cristo no milênio. O sistema seria presidido, necessariamente, por uma raça de governantes, que tomariam seus lugares, sucessivamente, à sua frente. Mas, na medida em que deveria haver identidade, no sistema, do primeiro ao último, e deveria crescer à medida que o homem crescesse, por estágios regulados; e na medida em que seus chefes deviam ser ligados pela unidade de espírito e objetivo, fala-se do Anticristo como uma individualidade corporativa. As condições da profecia, repetimos, não poderiam ser cumpridas por nenhum homem, por mais sobre-humano que fosse o seu poder, ou quão estupenda sua maldade, cuja ascensão, reinado e ruína seriam praticados e terminados no curto espaço de três anos e um metade.

Voltamos à imitação majestosa, tão altivamente entronizada, a quem as nações cegas confundem com Deus, e são vistas curvando-se em adoração diante dela. Ele, como Deus, está assentado no templo de Deus, mostrando a si mesmo que é Deus.

O Papa afirmou ser Deus, *primeiro*, em palavras; *segundo*, em atos. Vamos ouvir algumas das palavras que saíram da própria grande boca; e ao lado de algumas declarações do mesmo efeito que saíram de alguns amigos do Anticristo.

Sentado no Templo de Deus, ou seja, falando *ex Cathedra* como Vice-Cristo, o Papa, da maneira mais inequívoca, reivindicou ser deus. Para esse ousado tom de ambição e blasfêmia, ele carregou o paralelismo ou a imitação. O verdadeiro Cristo é Deus, portanto, o Vice-Cristo deve reivindicar ser deus também. Na lei canônica, o papa é chamado de Deus (Decretum Gregorii XIII. Destinc 96, Can 7). Novamente, ele é chamado de Senhor e Deus (Decretales Gregorii IX., Tit. 7). E, de novo, Inocêncio diz nos decretos, falando do Papa: “Deus porque é o vigário de Deus”. A lei dos canhões e os decretos são chamados pelos escritores romanistas de “oráculo do papa”, são uma verdadeira expressão da mente pontifícia. No mesmo sentido, os casuístas papais dizem: “Como Cristo era Deus, ele, também, devia ser considerado Deus”. A *Sacrum Ceremoniale* tem a frase: “A cadeira apostólica é a sede de Deus”. “O Romano Pontífice” diz o Decretum de Gregório, “não como um mero homem, mas como verdadeiro Deus, reina na terra” (Daubuz, 581).

Para não multiplicar os casos em que o Papa se autodenomina Deus, ou aceita o título de outros, encerramos referindo-nos a uma ilustração recente. Sir Culling E. Smith, em um tour pela Itália, encontrou um livro publicado, em 1794, com o título: “História da Antiga República de Amalfi,

dedicado ao vice-deus Bento XIII, com permissão dos superiores” (Decret. Greg. I. 7, 3). O Papa, também, dá testemunho de si mesmo. Um maior do que ele disse: “Se eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro”.

Ele procurou apoiar sua reivindicação a este grande título por meio de grandes feitos. Tudo o que Deus faz, o Papa professa fazer também. Deus requer que a ele todo joelho se curve? O Papa também; ele precisa ser adorado com prostração e beijos. Deus se revela como o único santo? O Papa também. Ele afirma ser denominado sua santidade. Deus é o único sábio? O Papa, também, é: ele afirma ser inerrante. Deus plantou Seu trono no cume do Sinai e, dali, promulgou aqueles dez mandamentos que são a lei do mundo? Da mesma forma, o Papa: ele plantou assento nas sete colinas no caráter do supremo legislador e juiz do mundo, e ele reivindica uma autoridade e infalibilidade iguais para tudo o que ele quiser promulgar *ex Cathedra* como Jeová afirma sobre os preceitos do decálogo. É prerrogativa de Deus perdoar pecados? O Papa assume a mesma grande prerrogativa. Ele perdoa os pecados dos vivos e dos mortos. É prerrogativa de Deus atribuir aos homens seu destino eterno? Isso, também, faz o Papa. Ele finge possuir as chaves que abrem e fecham o purgatório e, embora reserve a seus seguidores um passaporte seguro para os reinos do paraíso, ele entrega tudo fora de sua igreja à desgraça eterna. Em suma, Deus se senta entre os Querubins e recebe a homenagem de Seu povo em Seu santuário? O Papa, sentado no altar-mor de São Pedro, enquanto o incenso é queimado diante dele, e os joelhos são dobrados sobre ele, é invocado como o Senhor, nosso Deus. Os romanistas estão acostumados a chamar o altar de trono de Deus, visto que nele colocam a hóstia. O uso que o Papa encontra para ela, nessas ocasiões, é um uso não muito digno de um banquinho. Ele, como Deus, está assentado no templo de Deus, mostrando-se que é Deus.

CAPÍTULO XVI

HOMEM DO PECADO E FILHO DA PERDIÇÃO

Traçamos o paralelo até sua grande culminação e mostramos quão próxima está a imitação em cada estágio de seu curso. O apóstolo adiciona alguns toques para completar o retrato do Anticristo e, para encerrar, dá uma olhada no terrível fim de sua carreira. Vamos examinar, rapidamente, o que resta.

O apóstolo o denomina de “homem do pecado e filho da perdição”. Cristo é o homem de santidade; o único homem santo que o mundo já viu. Aquele ente santo, disse o anjo quando anunciou Seu nascimento. “Teu santo Menino Jesus”, disse um apóstolo sobre Ele, enquanto outro escreveu dEle: “Santo, inofensivo, imaculado, separado dos pecadores”. Ele foi tipificado, no Cordeiro da Páscoa, como sem mancha.

O Papa ou Vice-Cristo é o homem do pecado. Ele inventou o pecado, ele ensinou o pecado, ele promulgou o pecado, estabeleceu a iniquidade por uma lei, ele negociou com o pecado, ele vende indulgências e perdões; ele enriqueceu com os pecados da cristandade. O pecado é o seu ser e o pecado é a sua obra. O papado é uma encarnação tão pura do pecado quanto o Evangelho é da santidade.

Tudo o que o papado toca se converte em pecado. Possui uma alquimia maldita pela qual transmuta o que é bom em mal. Ele pegou todos os mandamentos do decálogo e os converteu em pecado. Ele pegou todas as doutrinas do Evangelho e as converteu em pecado; tomou todos os sacramentos da Igreja e os converteu em instrumentos do pecado; tomou todos os cargos e oficiais da igreja e os tornou agentes do pecado; tomou tudo o que é sutil em intelecto, tudo que é brilhante em gênio, e tudo que é nobre em eloquência, e os usou a serviço do pecado.

A política do papado não é negar a verdade; sempre age como um Vice-Cristo, como um amigo fingido. Sua política é perverter a verdade, metamorfosear-se e fazê-la lutar contra si mesma. Não há uma doutrina, na Bíblia, que o papado não admita em aparência; não há uma doutrina, na Bíblia, que o papado não negue, na realidade, e os efeitos salvadores dos quais ele não nega. Ele pega o que é saudável e, por sua habilidade infernal, transforma-o no que é venenoso. O aparato espiritual que Deus estabeleceu para Sua própria glória e salvação do homem, o papado se apoderou e opera, exatamente, para os fins opostos – a desonra de Deus e a ruína do homem. É um segundo e maior Jeroboão que fez Israel pecar. Na verdade, é o homem do pecado.

Paulo ainda o denomina “o filho da perdição”, uma frase de terrível significado. É usado, nas Escrituras, apenas, uma vez antes; e, em uma conexão tal, que confere à frase um significado, terrivelmente, trágico. É aplicado a Judas depois que o diabo entrou nele e trabalhou sobre ele, de modo que ele não descansou até que traísse seu Mestre. Este primeiro filho da perdição saiu do seio da igreja infantil, onde ele tinha acabado de comer o cálice da Páscoa. Ele se levantou da própria presença do Deus-homem, para cumprir sua terrível apostata.

O segundo e maior filho da perdição, da mesma maneira, surgiu no seio da igreja primitiva. Satanás, tendo entrado nele, sua ambição começou a arder, e ele saiu aos príncipes do mundo e disse-lhes: “O que quereis me dar e eu trairei o cristianismo a vós? Manifestamente, não são capazes de derrubá-lo. Criou raízes e está enchendo a terra, apesar de seus exércitos e seus

decretos. Os fogos de dez perseguições arderam ao seu redor; mas tudo em vão. O arbusto queimou, mas não foi consumido. Você está trabalhando em uma obra além de seu poder. Para que o Cristianismo venha a conhecer a extinção, sua destruição deve vir de dentro; deve vir de mim mesmo e de nenhum outro. Dê-me meu pagamento; dê-me o assento de César; dê-me os 'reinos do mundo e a glória deles', e irei e me mostrarei aos homens como o Vice-Cristo, e o mundo acreditará em mim e me seguirá. Onde sua força falhou, minha nave triunfará". A política era astuta e profunda. Precisamos ainda dizer quem foi seu promotor?

O apóstolo deixa este ponto claro. A vinda do homem do pecado, disse ele, seria depois da operação de Satanás. O cabeça da apostasia deveria ser energizado, estimulado, sustentado e conduzido por Satanás, o Dragão, a Antiga Serpente, que é o diabo. O papado é o filho da perdição: a prole, a descendência de Apolion, o destruidor; e precisa fazer a obra de seu pai. Assim como é obra de Deus é criar; obra de Satanás é destruir. O belo tecido da natureza ele faria se pudesse destruir; a constituição moral da sociedade que ele destruiu até agora. Seu nome é Apolion, o destruidor – e o trabalho do papado é o mesmo. Os princípios da moralidade e da virtude evangélica no homem, ele destrói; os princípios de renovação do poder, no Evangelho, ele perverte e destrói. Onde quer que tenha encontrado um assento na Europa, há a escuridão da perdição – homens ignorantes, cidades em decomposição e nações escravizadas e desmoralizadas. Apolion, o destruidor, passou por aqui, exclamamos, aqui estão suas pegadas; ao longo de todo o seu caminho está a escuridão da morte física, moral e espiritual. Nós pensamos no cavalo amarelo e seu nome que estava sentado sobre ele era Morte e inferno *seguido* ele.

CAPÍTULO XVII

ANTICRISTO – SUA PERDIÇÃO

Se for filho, será herdeiro. E qual é a herança da qual ele é herdeiro? É a perdição. Os reinos do mundo e a glória deles, primeiro, perdição no final. Foi escrito sobre ele, antes de se levantar, que irá para a perdição. Melhor ter comido o amargo primeiro e o doce depois; mas não. O dia de sua glória passado, vem a voz: “Filho, lembra-te que durante a tua vida possuis as tuas coisas boas e Lázaro (a igreja) as suas coisas más; agora estás atormentado” [Lucas 16.25, versão do autor]. Essa herança é transmitida ao papado na mesma carta e garantida com o mesmo selo da glória que vem antes dele. O Rei do Céu fez este decreto e selou-o com Seu próprio selo, e o decreto não pode ser alterado por nenhum homem. Tão certo quanto o papado teve sua glória, certamente, virá sua condenação. Paulo, antes de encerrar sua profecia, faz uma pausa e, com palavras solenes e terríveis, prediz a noite de horrores em que sua carreira terminará. O ímpio – a quem o Senhor consumirá com o espírito de sua boca e destruirá com o resplendor de sua vinda (2 Tessalonicenses 2.8).

Há, aqui, uma destruição dupla suspensa acima do Anticristo – uma lenta destruição, primeiro, pois, pode ser por séculos, e uma extinção repentina e total no final. Essa dualidade, na condenação do Anticristo, foi observada na profecia desde o seu início. É enfatizado por Daniel, falando do chifre pequeno que tinha uma boca que falava grandes coisas, olhos como os de um homem, uma aparência mais robusta do que seus companheiros, e que fazia guerra aos santos, e deveria ter domínio sobre eles, até que um tempo, tempos e meio do tempo, isto é, 1.260 anos, diz o profeta. O julgamento se assentará, e eles tirarão o seu domínio, para *consumir* e *destruir* até o fim (Daniel 7.26) – outra prova, aliás, da identidade entre o chifre pequeno de Daniel, e o anticristo de João.

Na predita condenação do papado, há, portanto, duas etapas bem marcadas. Há, primeiro, um consumo gradual; e há, em segundo lugar, uma destruição repentina e terrível.

O consumo, um processo lento e gradual, deve ser efetuado pelo “sopro de sua boca”, pelo qual entendemos a pregação do Evangelho. Esse consumo vem acontecendo desde que a Bíblia foi traduzida e o Evangelho começou a ser pregado na Reforma. Os homens começaram a ver os erros do papado; seus suportes políticos foram enfraquecidos e, em alguns casos, retirados de seu poder; e seu domínio geral sobre as nações da cristandade foi afrouxado; e assim o caminho foi preparado para o golpe final que consumará sua ruína. Grandes sistemas como o papado, com suas raízes profundas e bem espalhadas, não podem ser arrancados enquanto em seu vigor sem deslocar a sociedade humana. Eles devem ser deixados para crescerem e apodrecerem; e, então, o golpe final pode ser dado a eles com segurança para a igreja e o mundo.

Quando essa hora chegar, então, a segunda parte da condenação do papado o alcançará. O Senhor o destruirá “pela manifestação de sua vinda”. A forma do julgamento é deixada vaga, mas é dito o suficiente para nos garantir a conclusão de que será rápido e final – virá com um relâmpago e sua sagrada vingança será tão manifesta que, para usar a figura na profecia, irá irradiar o céu e a terra com um esplendor moral. Se Cristo, então, virá como Ele veio no período do dilúvio, e como Ele veio no incêndio de Sodoma, e, novamente, na destruição de Jerusalém, quando, Ele mesmo permanecendo no trono do céu, Ele cingiu os ministros de Sua ira, e os enviou à terra para executar sua vingança contra os ímpios; ou se, deixando Seu trono, na glória,

Ele descerá, pessoalmente, e confrontará seu Vigário, se Ele retornará para encerrar o Apocalipse na magnificência divina em que apareceu a João, em Patmos, quando Ele veio para abri-lo, não é necessário que devemos decidir aqui. O suficiente para que este dia da ira seja, indescritivelmente, grande e seja considerado um dos maiores dias de vingança que já existiram na terra desde a fundação do mundo. Paulo o despacha em uma única frase; João expande-o em um capítulo inteiro. E, em que outro capítulo da Bíblia ou da história humana, há outro espetáculo de julgamento – tal outro quadro de horrores misturados de consternação aterrorizada, de lamentos altos e amargos e gritos de dor como no capítulo dezoito do Apocalipse? Os reis da terra a chorarão e lamentarão por ele, quando virem a fumaça de sua queima; estando de longe com medo de seu tormento, dizendo: “ai! Ai de nós!”. Essa grande cidade, pois, em uma hora ela está desolada. Mas essa cena escura tem um recurso de alívio. É uma cena que não precisa ser repetida, pois encerrará os dias malignos da terra e iniciará os aleluias das nações. “Então, um anjo forte levantou uma pedra como grande pedra de moinho e arrojou-a para dentro do mar, dizendo: Assim, com ímpeto, será arrojada Babilônia†, a grande cidade, e nunca jamais será achada” (Apocalipse 18.9-19, 21).

CAPÍTULO XVIII

A SEMELHANÇA NÃO SE ENCAIXA?

Que o leitor se lembre-se de que a pintura tratada desse retrato que está sendo estudado não é nossa, mas de Paulo. E, quando você tirar os olhos da imagem, deixe-os dar uma olhada e tentar descobrir o modelo desse retrato. Os traços são retratados de forma tão vívida, tão nítida, que, certamente, não pode haver dificuldade em detectá-lo, cuja imagem eles apresentam. Paulo não pintou ao acaso. Seu esboço não é vago, que pode se encaixar, livremente, em qualquer ou na maioria dos sistemas de erro que surgiram no decorrer dos tempos.

Quando lemos sua profecia, temos a impressão esmagadora de que Paulo tem em seus olhos uma grande confederação imponente, de traços marcantes, de vida longa, ousadamente perversa e terrivelmente blasfema, que, sob a máscara de amizade, travaria uma guerra eterna contra o Evangelho. Estaremos cegos, de fato, se não pudermos encontrar o modelo original do retrato de Paulo. Aqui, está alguém que ergueu seu trono no templo cristão; que usurpou todos os títulos e funções de Cristo; que professou ser mediador entre Deus e o homem, para possuir as chaves do céu e do inferno e fazer maravilhas e fazer descer fogo do céu; que mudou as leis; que disse grandes palavras; proibindo de se casar, ordenando a se abster de carnes; vestiu seus sacerdotes de púrpura e escarlate e linho fino, adornado com ouro e pedras preciosas; aquele que fez guerra aos santos, e embriagado com o sangue dos mártires; que pôs o pé no pescoço dos reis; não, antes, vestiu-se com o manto do Rei Eterno; infalibilidade até, enfim, aquele que disse: “Eu sou o Vice-Cristo; Eu sou vice-Deus”. Subimos até esse homem e dizemos a ele: “Tu és o Anticristo”.

Deixe quem vai se encolher e se curvar diante de ti; deixe quem remendar, novamente, tua viseira, que começa a ficar sem fios de cera e permitir que as feições horríveis que se escondem abaixo dela brilhem; deixe quem amenizar seus crimes, e negar que você sempre perseguiu, e embora simulando a mansidão e inocência do cordeiro, é um lobo voraz. Quem será seu amigo nas alegações arrogantes e blasfemas que ainda está fazendo, dizemos a seu respeito: Tu és aquele de quem Paulo nos tempos antigos, escrevendo, pelo Espírito Santo, falou. Ouça como ele te chamou! Ele te chamou de o Homem do Pecado e o Filho da Perdição.

Ah! Você reajusta sua máscara; e dobre as dobras de seu manto; e olhando para os reis da terra mais uma vez a seus pés, você diz: “Não sou eu Deus?”. Nós sabemos quem você é. Tu és o apóstolo caído! O ministro de Lúcifer! Tu vieste do abismo e ao abismo voltarás!

Não hesitamos em dizer que temos evidências quase tão completas e convincentes de que o Papado Romano é o Anticristo, quanto temos de que Jesus de Nazaré é o Cristo.

Em conclusão, vamos notar que o Cristianismo está sozinho, tendo seu Anticristo ou uma falsificação. O maometismo não tem tal falsificação. O budismo não tem tal falsificação. Não há poder ou verdade suficiente, nesses sistemas, para trazer à existência um grande sistema de contrafação de oposição. Sem o sol, não pode haver sombras. O sol do Cristianismo tem sido acompanhado ao longo dos tempos por esta sombra. Até agora, o Anticristo homenageia a divindade do Evangelho. A menos que Cristo tenha ido antes, o Anticristo não poderia ter vindo depois.

E que o leitor pondere, seriamente, que este é o testemunho divino a respeito do papado. Como retratado por uma mão, divinamente, guiada de quem são seus traços, seu espírito e princípios? Eles são aqueles de Satanás, o arqui-inimigo de Deus e de Sua Igreja. Esta forma monstruosa é a maligna. Vamos pensar no formidável antagonista que temos neste sistema. Não lutamos contra a carne e o sangue – contra o poder e astúcia do homem; temos que enfrentar o poder do inferno – a astúcia do diabo. Pois “a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (Efésios 6.12-17).

CONTRA O ROMANISMO

Desde 2020, o editor da Nadere Reformatie Publicações, Rev. Christopher Vicente, tem pesquisado e elaborado um material apologético intitulado *Contra o Romanismo*. Inicialmente, a proposta surgiu como um curso. Porém, pela abrangência da pesquisa, decidiu-se em ser, apenas, um material escrito a ser publicado/disponibilizado a médio-longo prazo. Caso você deseje receber o informativo, envie um e-mail para: naderereformatiepublicacoes@gmail.com.

CONHEÇA OUTROS E-BOOKS DA NADERE REFORMATIE PUBLICAÇÕES

A Excelência da Confissão de Fé de Westminster: A Introdução ao Comentário da CFW (1647) pelo escocês Robert Shaw:

<https://www.amazon.com.br/Excel%C3%Aancia-Confiss%C3%A3o-Westminster-Introdu%C3%A7%C3%A3o-Coment%C3%A1rio-ebook/dp/B08JNLND41/>

A Graça de Deus em Cristo: uma exposição contra o antinomianismo, etc. pelo presbiteriano norte-americano James Thornwell:

<https://www.amazon.com.br/Gra%C3%A7a-Deus-Cristo-antinomianismo-neonomianismo-ebook/dp/B07YBMSHBR/>

A Pregação Expositiva como ferramenta para o Aconselhamento Bíblico pelo pastor presbiteriano brasileiro Augusto Brayner:

<https://www.amazon.com.br/Prega%C3%A7%C3%A3o-Expositiva-ferramenta-Aconselhamento-B%C3%ADblico-ebook/dp/B08JLKJ9PL/>

A Prática Bíblico-Puritana do Autoexame pelo pastor presbiteriano brasileiro Christopher Vicente:

<https://www.amazon.com.br/Pr%C3%A1tica-B%C3%ADblico-Puritana-do-Autoexame-ebook/dp/B088TLDBQG/>

A quem Deus deu o ministério da Pregação pelo escocês delegado à Assembleia de Westminster Robert Baillie:

<https://www.amazon.com.br/quem-Deus-deu-minist%C3%A9rio-Prega%C3%A7%C3%A3o-ebook/dp/B07PBKYYW2/>

Casamento Cristocêntrico: Uma proposta bíblica para casamentos em crise pelo pastor presbiteriano brasileiro Augusto Brayner:

<https://www.amazon.com.br/Casamento-Cristoc%C3%AAntrico-proposta-b%C3%ADblica-casamentos-ebook/dp/B08DQXSNXS/>

Conselhos para enfrentar a morte piedosamente pelo puritano inglês Thomas Brooks:

<https://www.amazon.com.br/Conselhos-para-enfrentar-morte-piedosamente-ebook/dp/B0824WKHQ9/>

Cristo: A Dádiva do Pai ao Seu Povo Escolhido pelo puritano escocês Thomas Boston

<https://www.amazon.com.br/Cristo-D%C3%A1diva-Pai-Povo-Escolhido-ebook/dp/B0897WW8VJ/>

Da Escritura Sagrada: o primeiro capítulo do primeiro comentário (da História da Igreja) da CFW pelo puritano escocês David Dickson:

<https://www.amazon.com.br/Escurita-Sagrada-coment%C3%A1rio-Confiss%C3%A3o-Westminster-ebook/dp/B089QVYV9G/>

Dois Breves Catecismos: Em que os princípios da doutrina de Cristo são expostos pelo puritano inglês John Owen:

<https://www.amazon.com.br/Dois-Breves-Catecismos-princ%C3%ADpios-explicados-ebook/dp/B08LKGJVWV/>

Epistemologia Reformada: Vol. 1 pelo pastor e apologeta presbiteriano norte-americano Cornelius Van Til:

<https://www.amazon.com.br/Epistemologia-Reformada-Cornelius-Van-Til-ebook/dp/B08GZH4YW4/>

Eu sou realmente um cristão? Oito dúvidas respondidas pelo puritano escocês Thomas Boston:

<https://www.amazon.com.br/Eu-sou-realmente-crist%C3%A3o-respondidas-ebook/dp/B07MZZF97N/>

Filosofia Cristã pelo pastor e apologeta presbiteriano norte-americano Cornelius Van Til:

<https://www.amazon.com.br/Filosofia-Crist%C3%A3-Apolog%C3%A9tica-Puritana-ebook/dp/B08DVBM8YW/>

Governo Presbiteriano: O Deus que declara como sua igreja deve ser governada por diversos presbiterianos ingleses:

<https://www.amazon.com.br/Governo-Presbiteriano-declara-igreja-governada-ebook/dp/B086BR6NPR/>

Guarde o seu coração: O que é guardar o coração? pelo puritano presbiteriano inglês John Flavel:

<https://www.amazon.com.br/Guarde-seu-cora%C3%A7%C3%A3o-que-guardar-ebook/dp/B07P6CTBYL/>

Idolatria Secreta: os atos idólatras no coração do homem pelo puritano inglês David Clarkson:

<https://www.amazon.com.br/Idolatria-Secreta-id%C3%B3latras-cora%C3%A7%C3%A3o-homem-ebook/dp/B07THZPSDF/>

Lógica e Claramente Deduzido: Uma Defesa pelo puritano escocês delegado à Assembleia de Westminster George Gillespie:

<https://www.amazon.com.br/L%C3%B3gica-Claramente-Deduzido-Uma-Defesa-ebook/dp/B08HSTGF65/>

Não farás imagem: por que não devemos fazer imagens de nenhuma das três pessoas da Trindade por João Calvino e nove puritanos:

<https://www.amazon.com.br/N%C3%A3o-far%C3%A1s-imagem-devemos-Trindade-ebook/dp/B08CHNGHPW/>

O Antídoto contra o Arminianismo pelo escocês delegado à Assembleia de Westminster Robert Baillie:

<https://www.amazon.com.br/Ant%C3%ADdoto-contra-Arminianismo-Robert-Baillie->

[ebook/dp/B085WGWRZ3/](https://www.amazon.com.br/ebook/dp/B085WGWRZ3/)

O cântico dos Salmos e o Amor Cristão diversos pastores e presbíteros presbiterianos brasileiros:

<https://www.amazon.com.br/c%C3%A2ntico-dos-Salmos-Amor-Crist%C3%A3o-ebook/dp/B084GD1KDM/>

O Culto Público: Uma breve teologia e por que deve ser preferido ao privado pelo puritano inglês David Clarkson:

<https://www.amazon.com.br/dp/B08PDD29F5>

O Exílio do Coronavírus: Quando Deus tirou o Seu Culto de Sua Igreja ou Uma Teologia Bíblica do Culto pelo pastor presbiteriano brasileiro Rodrigo Brotto:

<https://www.amazon.com.br/Ex%C3%ADlio-Coronav%C3%ADrus-Quando-tirou-Igreja-ebook/dp/B086PTXZRJ/>

O Ofício da Pregação: entregue a homens ordenados pelo pastor presbiteriano norte-americano Robert Dabney:

<https://www.amazon.com.br/Of%C3%ADcio-Prega%C3%A7%C3%A3o-entregue-homens-ordenados-ebook/dp/B088X17Q5K/>

O Pacto da Graça pelo puritano inglês William Perkins:

<https://www.amazon.com.br/Pacto-Gra%C3%A7a-William-Perkins-ebook/dp/B07P5JM4B5/>

O Pacto da Graça: no Antigo e no Novo Testamento pelo puritano holandês Wilhelmus à Brakel:

<https://www.amazon.com.br/Pacto-Gra%C3%A7a-Antigo-Novo-Testamento-ebook/dp/B07PGDNBKV/>

O Pacto de Obras: Uma detalhada exposição pelo puritano holandês Wilhelmus à Brakel:

<https://www.amazon.com.br/Pacto-Obras-Uma-detalhada-exposi%C3%A7%C3%A3o-ebook/dp/B07WL8BQJG/>

O princípio regulador aplicado ao Governo da Igreja pelo pastor presbiteriano norte-americano James Thornwell:

<https://www.amazon.com.br/Princ%C3%ADpio-Regulador-aplicado-Governo-Igreja-ebook/dp/B07N922SW8/>

O Resumo do Conhecimento Salvífico: Um Breve Resumo da Doutrina Cristã contida nas Sagradas Escrituras e sucessivamente defendida na Confissão de Fé da Westminster e seus catecismos pelo puritano escocês David Dickson:

<https://www.amazon.com.br/Resumo-Conhecimento-Salv%C3%ADfico-sucessivamente-Westminster-ebook/dp/B07N7LJ5P5/>

Orientações contra a Hipocrisia pelo puritano inglês Richard Baxter:

<https://www.amazon.com.br/dp/B08P8TPQHJ>

O Ser de Deus e o Princípio Regulador do Culto pelo puritano escocês Hugh Binning:

<https://www.amazon.com.br/Ser-Deus-Princ%C3%ADpio-Regulador-Culto-ebook/dp/B07YZFPNG8/>

Os Padrões de Westminster: a fé cristã amadurecida pelo pastor presbiteriano pelo pastor presbiteriano norte-americano B. B. Warfield:

<https://www.amazon.com.br/Os-Adr%C3%B5es-Westminster-crist%C3%A3-amadurecida-ebook/dp/B07ZL4YPR1/>

Obediência Evangélica a introdução ao comentário aos Dez Mandamentos pelo puritano presbiteriano inglês Thomas Watson:

<https://www.amazon.com.br/Obedi%C3%Aancia-Evang%C3%A9lica-introdu%C3%A7%C3%A3o-coment%C3%A1rio-Mandamentos-ebook/dp/B07RNMS6G3/>

Piedade no Lar: Teologia Puritana para a vida cristã em família por diversos puritanos britânicos:

<https://www.amazon.com.br/Piedade-Lar-Teologia-Puritana-fam%C3%ADlia-ebook/dp/B07PLJZ6JY/>

Por que presbiterianos não celebram dias santos pelo pastor presbiteriano norte-americano Samuel Miller:

<https://www.amazon.com.br/Por-presbiterianos-celebram-dias-santos-ebook/dp/B086Z581QD/>

Qual é o fim principal do homem?: Seis comentários à primeira pergunta do Breve Catecismo de Westminster diversos puritanos (Thomas Boston, John Flavel, Thomas Vincent, Matthew Henry, James Durham, Ebenzer Erskine, Joseph Alleine):

<https://www.amazon.com.br/dp/B08ND3SJCJ>

Santificação: o mistério do Evangelho pelo puritano inglês Walter Marshall:

<https://www.amazon.com.br/Santifica%C3%A7%C3%A3o-mist%C3%A9rio-Evangelho-Walter-Marshall-ebook/dp/B0857J62NG/>

Todo o dever do homem: Uma breve exposição dos Dez Mandamentos pelo puritano inglês William Perkins

<https://www.amazon.com.br/Todo-dever-homem-exposi%C3%A7%C3%A3o-Mandamentos-ebook/dp/B07PB93DTH/>

Uma Introdução à Cosmologia Reformada: a visão cristã do mundo e da vida pelo presbítero brasileiro Vinícius Pimentel:

<https://www.amazon.com.br/Uma-Introdu%C3%A7%C3%A3o-Cosmovis%C3%A3o-Reformada-crist%C3%A3-ebook/dp/B08L9Q6WDY/>

Um sermão contra a Hipocrisia pelo puritano inglês David Clarkson:

<https://www.amazon.com.br/dp/B08P8W7K64>

[1] “Não há outro Cabeça da Igreja senão o Senhor Jesus Cristo; em sentido algum pode ser o Papa de Roma o cabeça dela, mas ele é aquele anticristo, aquele homem do pecado e filho da perdição que se exalta na Igreja contra Cristo e contra tudo o que se chama Deus” (Confissão de Fé de Westminster XXV.6 tradução Minha Biblioteca Westminster).

- [2] Podemos acrescentar alguns teólogos da Idade Média e, até mesmo, romanistas – como será exemplificado no Prefácio do Rev. Ewerton B. Tokashiki.
- [3] Essa rejeição chegou ao ponto de denominações presbiterianas tirarem a expressão de seus Padrões, como fez a OPC e a PCUSA.
- [4] Para algo dessa natureza, por favor, olhar o anexo: Contra o Romanismo.
- [5] O Rev. James A. Wylie foi ministro da igreja da Escócia, professor e escritor na área de história da igreja. Ele publicou, como um competente pesquisador, uma versão ampliada deste livro no ano seguinte sob o título de James A. Wylie, *The Papacy its History, Dogmas, Genius, And Prospects being the Evangelical Alliance First Prize Essay on Popery* (London, Hamilton Adams & CO., 1889). Entretanto, o livro menor obteve maior popularidade entre os leitores, por causa da acessibilidade e facilidade de leitura.
- [6] James A. Wylie, *The Papacy is the Antichrist* (Edinburgh, George M'Gibbon Publisher, 1888), p. 3.
- [7] Este Comentário está sendo disponibilizado, paulatinamente, na plataforma de estudos dos Padrões de Westminster: Minha Biblioteca Westminster. Acesse e faça o teste gratuito. Se o Senhor quiser, ainda esse ano, a Nadere Reformatie Publicações publicará, na íntegra, (e estamos nos esforçando para que seja em formato físico) o comentário de David Dickson citado aqui. Sua tradução e revisão já se encontram em andamento [N. do Editor].
- [8] David Dickson, *Truth's victory over error – A commentary on the Westminster Confession of Faith* (Edinburgh, The Banner of Truth, 2007), p. 204. David Dickson (1583-1663) nasceu em Glasgow, Escócia. Em 1640 tornou-se professor de Teologia em Glasgow, sendo transferido dez anos depois para Edimburgo. O livro *Truth's victory over error* de David Dickson contém as suas palestras da Confissão de Westminster entregue aos estudantes da Universidade de Edimburgo a partir do ano de 1650. Esse é um comentário realizado por alguém que foi contemporâneo dos participantes da Assembleia de Westminster, mas somente foi publicado em 1684.
- [9] A.A. Hodge, *Confissão de Fé Westminster Comentada* (São Paulo, Editora Os Puritanos, 1999), p. 432.
- [10] Isto é, “sendo convertido, fortalecerá aos seus irmãos.”
- [11] Citado por David F. Wells, “The Pope as Antichrist: The Substance of George Tyrrell's Polemic” in: *Harvard Theological Review* (1972), No. 65, pp. 271.
- [12] James Begg, “*Popery in Scripture*” in: *A Handbook of Popery* e disponível como um texto da James Begg Society, c/o Rev. David Blunt.
- [13] Veja Robert Shaw, *The Reformed Faith – An Exposition of the Westminster Confession of Faith* (Inverness, Christian Focus Publications, 1974), pp. 267-271. A tese de Shaw é que o anticristo é todo aquele que usurpa a posição de governante supremo da igreja. A sua sugestão é que como Henry VIII, pelo Ato de Supremacia, ocupava esta posição, ele seria o anticristo no contexto da Assembleia de Westminster. Entretanto, a sua interpretação não se sustenta por falta de prova histórica, pois não há evidências de que os membros da Assembleia entendessem o monarca da Inglaterra como o anticristo.
- [14] Também recomendo a leitura de David Blunt, *O Papado é o Anticristo* (Recife, Projeto Os Puritanos, 2013). Disponível em: <https://issuu.com/heraldoa/docs/o-papado-e-o-anticristo> .
- [15] Annats são impostos eclesiásticos pagos ao Papa. [Nota do Editor].
- [16] “Os Culdees eram membros de comunidades monásticas e eremíticas cristãs ascéticas da Irlanda, Escócia, País de Gales e Inglaterra na Idade Média. Aparecendo primeiro na Irlanda e depois na Escócia, ligados a igrejas ou igrejas colegiadas, eles viviam de maneira monástica, embora não cumprissem os votos monásticos” [N. do Editor].
- [17] Referente a John Huss [N. do Editor].